

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UnB)
INSTITUTO DE LETRAS (IL)
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO (LET)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO (POSTRAD)

DENISE CARDOSO BARBOSA

LACAN ENTRE LÍNGUAS, E A *AMÉRICA LADINA*:
Pistas do movimento da tradução dos seminários no Brasil

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

BRASÍLIA
MAIO DE 2024

Denise Cardoso Barbosa

**LACAN ENTRE LÍNGUAS, E A *AMÉFRICA LADINA*:
pistas do movimento da tradução dos seminários no Brasil**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos necessários à obtenção do Grau de Mestre em Estudos da Tradução.

Área de Concentração: Tradução em Contexto

Linha de Pesquisa: Teoria, Crítica e História da Tradução

Orientadora: Profa. Dra. Alba Elena Escalante Alvarez

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

BRASÍLIA

MAIO DE 2024

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

C2681 Cardoso Barbosa, Denise
Lacan entre línguas, e a América Ladina: Pistas do movimento da tradução dos seminários no Brasil / Denise Cardoso Barbosa; orientador Alba Elena Escalante Alvarez. -- Brasília, 2024.
87 p.

Dissertação (Mestrado em Estudos de Tradução) -- Universidade de Brasília, 2024.

1. Tradução e Psicanálise. 2. Jacques-Lacan . 3. Seminários . 4. América Ladina. 5. Cartografia . I. Elena Escalante Alvarez, Alba, orient. II. Título.

Denise Cardoso Barbosa

**LACAN ENTRE LÍNGUAS, E A AMÉRICA LADINA:
pistas do movimento da tradução dos seminários no Brasil**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos necessários à obtenção do Grau de Mestre em Estudos da Tradução. Área de Concentração: Tradução em Contexto
Linha de Pesquisa: Teoria, Crítica e História da Tradução

Aprovada em 29 de maio de 2024.

Banca examinadora:

Presidente: _____
Profa. Dra. Alba Elena Escalante Alvarez
Universidade de Brasília (UnB)
Orientadora

Membro interno: _____
Profa. Dra. Alice Maria de Araújo Ferreira
Universidade de Brasília (UnB)

Membro externo: _____
Prof. Dr. Paulo Sérgio de Souza Jr.
Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)

Suplente: _____
Profa Dra. Helena Santiago Vigata
Universidade de Brasília (UnB)

BRASÍLIA

2024

AGRADECIMENTOS

À Universidade de Brasília, que mudou tudo para mim.

Aos professores e funcionários do Instituto de Letras (IL) e do Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução (LET), bem como o Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (POSTRAD).

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Distrito Federal (FAPDF) pela bolsa concedida.

Tive a sorte de caminhar com pessoas muito generosas, à quais eu não poderia deixar de agradecer imensamente.

À minha mãe, Benta, por tudo.

À Alba, pela amizade, por ter sempre esperado o melhor de mim e por ter me mostrado o poder do afeto numa pesquisa.

Ao Zoé, por ter estado ao meu lado nos momentos bons e ruins, pela força e por acreditar.

À Pollyana, por todo apoio e incentivo.

Aos artistas que ouvi, li, vi, senti... Porque não dá para viver sem arte.

** Este trabalho foi realizado com o auxílio da
Fundação de Apoio e Incentivo à Pesquisa
do Distrito Federal (FAPDF) durante parte do
período do mestrado.*

É engraçado como eles gozam a gente quando a gente diz que é Framengo. Chamam a gente de ignorante dizendo que a gente fala errado. E de repente ignoram que a presença desse R no lugar do L nada mais é que a marca linguística de um idioma africano, no qual o L inexistente. Afinal, quem que é o ignorante? Ao mesmo tempo acham o maior barato a fala dita brasileira, que corta os erres dos infinitivos verbais, que condensa “você” em “cê”, o “está” em “tá” e por aí afora. Não sacam que tão falando pretuguês.

(Lélia Gonzalez)

Escrever é um caso de devir, sempre inacabado, sempre em via de fazer-se, e que extravasa qualquer matéria vivível ou vivida. É um processo, ou seja, uma passagem de Vida que atravessa o vivível e o vivido.

(Gilles Deleuze)

Não se deve compreender muito rápido.

(Jacques Lacan)

RESUMO

Tendo como pano de fundo a interlocução entre tradução e psicanálise, o presente trabalho buscou lançar conjecturas sobre o movimento lacaniano no Brasil a partir de uma análise crítica de **O Seminário**, o que já nos coloca no terreno do traduzir. A premissa inicial se baseou na pergunta sobre quais seriam os desdobramentos de uma obra, cujo processo de publicação passou oralidade para um *estabelecimento* e depois um deslocamento. Quais seriam as implicações e efeitos silenciosos desses movimentos na teoria lacaniana em solo brasileiro? Procurou-se pensar o ensino de Jacques Lacan praticando as *encruzilhadas* a partir de suas traduções. Usando princípios tangentes ao pensamento cartográfico deleuze-guattariano, o trabalho performou os movimentos da pesquisa na escrita, subjetivando o objeto de estudo. Assim, a dissertação ficou dividida em quatro momentos: no primeiro, abre um diálogo entre tradução e psicanálise a fim de resgatar conceitos psicanalíticos na *tradutologia* bermaniana e com isso propor que a tradução possui o aparato filosófico e epistemológico para produzir críticas positivas, além de pensar outros setores do conhecimento de maneira extraterritorial; no segundo, traz uma contextualização de Jacques Lacan, sua obra e algumas problemáticas que perpassam o tema; no terceiro, trabalha o território do *entre*, articulando tanto a tradução como a psicanálise como campos que tem como característica mais fundamental a capacidade de conexão com diferentes esferas do saber, além disso problematiza as estruturas binárias e relações de poder coloniais; no quarto, apresenta-se o relato do processo de pesquisa abordando também uma guinada que conduziu o mote inicial a novos rumos, desembocando nas contribuições de Lélia Gonzalez para a psicanálise.

PALAVRAS-CHAVE: TRADUÇÃO E PSICANÁLISE; JACQUES LACAN;
SEMINÁRIOS; TERRITÓRIO; AMÉFRICA LADINA; CARTOGRAFIA

RESUMEN

Teniendo como telón de fondo la interlocución entre traducción y psicoanálisis, este trabajo buscó lanzar conjeturas sobre el movimiento lacaniano en Brasil a partir de un análisis crítico de *El Seminario*, lo que se nos ubica en el terreno del traducir. La premisa inicial estuvo basada en la pregunta sobre cuáles serían los despliegues de una obra, cuyo proceso de publicación pasó de la oralidad a un *establecimiento* y luego a un desplazamiento. ¿Cuáles serían las implicaciones y efectos silenciosos de estos procedimientos en la teoría lacaniana en solo brasileño? Por lo tanto, se buscó pensar la enseñanza de Jacques Lacan practicando las *encrucijadas* a partir de sus traducciones. Usando principios tangentes al pensamiento cartográfico deleuze-guattariano, en el trabajo se hizo un performance de los movimientos de la investigación en la escritura, subjetivando el objeto de estudio. Entonces, la disertación quedó dividida en cuatro momentos: en el primero, abre un diálogo entre traducción y psicoanálisis con el fin de rescatar conceptos psicoanalíticos en la *traductología* bermaniana y con ello proponer que la traducción posee el aparato filosófico y epistemológico para producir críticas positivas, además de pensar otros sectores del conocimiento de manera extraterritorial; en el segundo, trae una contextualización de Jacques Lacan, su obra y algunas problemáticas que traspasan el tema; en el tercero, trabaja el territorio del *entre*, articulando la traducción y el psicoanálisis como campos que tienen como característica más fundamental la capacidad de conexión con diferentes esferas del saber, además de problematizar las estructuras binarias y relaciones de poder coloniales; en el cuarto, se presenta el relato del proceso de investigación abordando también un giro que condujo el lema inicial a nuevas direcciones, desembocando en las contribuciones de Lélia Gonzalez para el psicoanálisis.

PALABRAS-CLAVE: TRADUCCIÓN Y PSICOANÁLISIS; JACQUES LACAN; SEMINARIOS; TERRITÓRIO; AMÉRICA LADINA; CARTOGRAFÍA

ABSTRACT

Against the backdrop of the dialogue between translation and psychoanalysis, this study aimed to speculate on the Lacanian movement in Brazil through a critical analysis of *The Seminar*, thus placing us within the realm of translation. The initial premise was based on questioning the ramifications of a work whose publication process shifted from orality to *establishment* and then to displacement. What would be the silent implications and effects of these movements on Lacanian theory in Brazilian soil? The study aimed to think Jacques Lacan's teaching as a practice of the *crossroads*. We tried to think about Jacques Lacan's teaching by practicing the crossroads of his translations. Employing principles akin to Deleuze and Guattari's cartographic thought, the research performed the movements of writing, subjectivizing the object of study. Thus, the dissertation was divided into four parts: firstly, it initiates a dialogue between translation and psychoanalysis to retrieve psychoanalytic concepts in Bermanian *traductology*, proposing that translation possesses the philosophical and epistemological apparatus to generate positive critiques and to think about other fields of knowledge in an extraterritorial manner; secondly, it contextualizes Jacques Lacan, his work, and some of the issues that permeate the subject; thirdly, it explores the *in-between* territory, articulating both translation and psychoanalysis as fields whose most fundamental characteristic is the capacity to connect with different spheres of knowledge, while also problematizing binary structures and colonial power relations; fourthly, it presents the narrative of the research process, addressing a turn that led the initial theme in new directions, culminating in Lélia Gonzalez's contributions to psychoanalysis.

KEY-WORDS: TRANSLATION AND PSYCHOANALYSIS; JACQUES LACAN; SEMINARS; TERRITORY; AMÉFRICA LADINA; CARTOGRPAHY

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Captura de tela do site Tradução e Psicanálise	55
Figura 2 – Ficha catalográfica do Seminário 1 em PDF	56
Figura 3 – Capas dos seminários traduzidos	57
Figura 4 – Seminários em ordem cronológica	57
Figura 5 – Seminários em ordem de publicação	58
Figura 6 - Folha de rosto do Seminário 1	60
Figura 7 - Capa e orelha do Seminário 1	60
Figura 8 - Matéria no Jornal do Brasil, 1980.....	63

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1. TRADUÇÃO E PSICANÁLISE	18
1.1. Das teorias da tradução	18
1.2. À luz da <i>tradutologia</i> bermaniana e sua relação com a psicanálise	21
2. LACAN E O SEMINÁRIO	29
2.1. Uma breve introdução à Jacques Lacan	29
2.2. O percurso de <i>O Seminário</i>	30
2.3. Deleuze, Guattari e Lacan e a questão da ruptura: não há atrito sem contato	33
3. <i>ENTRE</i> : só não repara a bagunça.....	39
3.1. Não fazemos senão suscitar encontros	39
3.2. Complicando o universal	43
3.3. Habitar (n)a fronteira: decolonialidade e desterritorialização	46
4. PISTAS DO MOVIMENTO LACANIANO NO BRASIL: LACAN ENTRE LÍNGUAS, E A AMÉRICA-LADINA.....	53
Vamos ao relato	54
Para quem quiser ouvir	58
Território ampliado	61
A fissura?	64
A fissura!	66
CONSIDERAÇÕES FINAIS [?]	75
REFERÊNCIAS	78

INTRODUÇÃO

A tradução e a psicanálise compartilham, seria possível dizer, uma relação simbiótica. Desde a gênese dos conceitos até a teoria, as questões relativas à tradução integraram as discussões na psicanálise. Na França e na Inglaterra do século XX, por exemplo, as traduções da obra de Sigmund Freud protagonizaram alguns episódios dessas discussões quando, ao se popularizar no meio acadêmico e institucional, a psicanálise passou a ser objeto de disputa política. Mais precisamente, as traduções do alemão ao inglês da *Standard Edition*¹ receberam muitas críticas por parte das escolas francesas de psicanálise, devido ao caráter considerado demasiadamente biologicista adotado pelo tradutor James Strachey, em relação ao que Freud propusera (Tavares, 2012, p. 110).

Numa ocasião, os psicanalistas franceses Jean Laplanche e Jean-Bertrand Pontalis publicaram no *Le Monde*, em 1967, o artigo “Conhecer Freud antes de traduzi-lo”², onde discutem em vários níveis como a tradução de uma obra como a de Freud não permite um caminho único e definitivo que priorizaria a técnica sobre a elegância e vice-versa; mais importante do que isso, segundo os autores, conhecer Freud e as nuances de sua teoria daria à tradução quantas cores fossem possíveis para, assim, aproximá-la do original.

A concepção de tradução de Laplanche e Pontalis (1967) pensa a própria elaboração de uma tradução como um trabalho de reflexão científica, o que estabelece uma relação com a *tradutologia* de Antoine Berman, a saber, “a *retomada reflexiva da experiência que é a tradução* e não uma teoria que viria descrever, analisar e eventualmente reger essa atividade” (2009, p. 347). Neste ponto começamos a nos situar com relação às discussões na França nesse período, com Jacques Lacan evidenciando-se o teor do burburinho cada vez que ele menciona as

¹ Publicada entre 1953–1974, The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud é a obra completa do psicanalista vienense Sigmund Freud. Foi traduzida do alemão ao inglês por James Strachey, com a colaboração de Anna Freud, auxílio de Alix Strachey e Alan Tyson e sob direção de Ernest Jones. Os 24 volumes foram traduzidos e publicados em português pela editora Imago como Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Após a entrada da obra de Freud em domínio público, em janeiro de 2010, diversas outras traduções diretas do alemão ao português têm sido publicadas por diferentes editoras (Tavares, 2012).

² Tradução nossa. O original “Connaître Freud avant de le traduire” foi publicado pela primeira vez em 1º de março de 1967 no jornal *Le Monde* e posteriormente em 1982, na revista *Meta*. A revista canadense de tradução *Meta* é a primeira dentro do campo dos Estudos da Tradução que traz os desdobramentos da psicanálise.

traduções de Freud, tanto as prévias quanto as que estavam acontecendo. No *Seminário 1, Os escritos técnicos de Freud*, há várias menções sobre as traduções francesas em circulação. No *Seminário 14*, recentemente traduzido como *A lógica do fantasma (?)*³, aula de 1º de março de 1967, Lacan inicia sua exposição mencionando o texto de Laplanche e Pontalis, ou seja, tinha lido no mesmo dia em que foi publicado.

Em todo caso, está claro para mim que, tentar traduzi-lo é certamente um caminho que se impõe como prévio para toda pretensão de conhecê-lo. Que um psicanalista diga conhecer a psicanálise, tudo bem, mas conhecer Freud antes de traduzi-lo sugere invencivelmente esta besteira de conhecê-lo antes de tê-lo lido. Isso, é claro, supõe toda a ampliação necessária da noção de tradução (Lacan, 1967, p. 108).

Lacan está fazendo uma crítica ao artigo coerente com o trabalho que ele desenvolve das traduções francesas ao longo dos seus seminários. Mas o que nos interessa sublinhar é esse chamado à ampliação necessária ao que se entende por tradução, não se trata apenas da passagem de uma língua a outra.

Um texto carrega em si inúmeros sentidos. Para citar alguns, aquele que o autor pretende difundir e aquele que o leitor capta, podendo ser os mesmos ou não. Assim também é o texto traduzido, para além da passagem de uma língua a outra, existe uma vasta trama de sentidos. Partindo desse princípio, se um texto contém em si uma convicção, uma ideia, um sentido etc., essa noção também pode ser aplicada a uma obra traduzida. Pensando nisso, poderíamos nos perguntar quais seriam os desdobramentos de uma teoria difundida através da tradução do *estabelecimento* de um texto. O que poderia ser revelado ao investigar o projeto de publicação de uma obra traduzida? Essas indagações aplicadas às traduções dos *Seminários* do psicanalista francês Jacques Lacan são o ponto de partida para levantar pistas sobre o seu programa de tradução e os desdobramentos da teoria lacaniana no Brasil.

No senso comum, o primeiro momento que se faz ao realizar uma crítica de tradução é citar os erros, fracassos, a sua qualidade etc. Por esse motivo, a proposta aqui é a abrir espaço uma crítica produtiva de traduções, ancorada no pensamento bermaniano. De igual modo, pensar a psicanálise brasileira,

³ Existe uma discussão bastante controversa no Brasil sobre a tradução do termo “fantasie”. Costuma-se traduzi-lo como fantasma e fantasia, mas há outras traduções também. Cf. Fantasma, fantema e fantasia na psicanálise | Christian Dunker | Falando nisso 104. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QqZnJVRrtsk>.

precisamente a lacaniana, como produto de suas traduções, que movimentam o estatuto desse campo de conhecimento. Alba Escalante traz esse enunciado a partir da ideia de que se a transmissão da psicanálise se dá a partir de seus textos, que por sua vez chegam até nós através de traduções, então devemos investigar de que forma recebemos isso e quais são “efeitos silenciosos de sua recepção” (2017, p. 242).

Jacques Lacan é um autor de suma importância para a psicanálise, pois proporcionou uma movimentação do campo, entre outras coisas, graças ao notório retorno a Freud, sendo “o único a dar à obra freudiana uma estrutura filosófica e a tirá-la de seu ancoramento biológico, sem com isso cair no espiritualismo” (Roudinesco; Plon, 1998, p. 445). Nesse sentido, quando se trata das publicações dos *Seminários* no contexto brasileiro, dada a sua relevância, é crucial e inevitável olharmos para tal projeto de tradução e nos ocuparmos de investigar sua repercussão. Eis algumas perguntas que podemos evocar sobre o assunto: em que o Lacan lido em português se assemelha ao Lacan lido no francês? Quais são os desdobramentos das diferentes leituras que se faz do seu ensino a partir de suas traduções? Que posição a tradução ocupa no cenário psicanalítico brasileiro?

Ao entendermos a tradução como um território das margens (em seus múltiplos sentidos) que viabiliza conexões e fluxos, procuramos nos aproximar de teóricos que enxergam nela não um campo estático e fechado em si mesmo, mas uma ferramenta de grande potencial epistêmico para pensar problemas complexos. Por se tratar de uma pesquisa de orientação cartográfica, para nós “o que se passa no entre é o mais interessante, resta ao cartógrafo estar suficientemente poroso a essas microssensibilidades que se instauram nas zonas fronteiriças” (Bedin da Costa, 2014, p. 67). Assim, entre a pesquisa e o *estar nela* inclui-se algo de uma ética que requer a relação como ato de relatar, portanto o pesquisador não pode ser invisibilizado frente ao objeto pesquisado, e a escrita precisa performar esse movimento.

Nessa conjuntura, a presente dissertação procurou, de início, idealizar um mapa desse projeto — pensado por Jacques Lacan e Jacques-Alain Miller — de traduções, recolhendo as pistas presentes (ou não) em seus paratextos, e, assim, poder realizar um estudo sobre a recepção da obra de Jacques Lacan no Brasil. Para tanto, aproximamo-nos da proposta de crítica de tradução elaborada por Antoine Berman, que é um dos poucos teóricos que faz menções específicas sobre

psicanálise para trabalhar, entre outros conceitos, as tendências deformadoras e a ética na tradução, articulando de forma explícita os campos da tradução e da psicanálise.

No caminhar da pesquisa, o itinerário se modificou e me deixei afetar pelo que estava vendo. Daí que já não se tratava mais de uma *observação* de dados, mas de *tocar, cheirar, usar os outros sentidos também*. Então me propus a sair da ordem de leitura prévia e de moldes, e passei a perceber e produzir a partir das frestas, das fissuras... Me permiti olhas para as dobras, registrando o processo. Para descrever o movimento, foi necessária uma reversão do procedimento tradicional: “transformar *méta-hódos* por *hódos-méta*. Essa reversão consiste numa aposta na experimentação do pensamento – um método não para ser aplicado, mas para ser experimentado e assumido como atitude” (Passos.; Kastrup; Escóssia, 2009, p.10). Assim não me orientei mais pela meta, me permiti experimentar o percurso.

A escrita (grafia) faz parte do método, da ética e da política. Entender isso a partir do pensamento da tradução permite perceber a operação de escrita de Meschonnic que tantos incômodos produz às cabeças habituadas à representação e à comunicação. O pensamento da tradução como pena que imprime a tinta da escrita, transforma e produz novos contornos. A pesquisadora está no *in-between* e, mais do que propiciar uma ligação harmônica dos extremos, os tensiona até o ponto em que eles não fazem mais sentido, é isso o que produz o entremeio, meio bagunçado... Mas *não repare*.

É importante lembrar que este trabalho está inserido numa linha de pesquisa do programa de mestrado que aborda os elementos epistêmicos do campo da tradução. Portanto, no momento em que esta introdução está sendo escrita, me parece importante ressaltar que se trata de uma pesquisa com ênfase teórico-epistemológica.

A seguir a disposição dos capítulos.

TRADUÇÃO E PSICANÁLISE: foram percorridas algumas teorias da tradução procurando pistas de quais discursos caracterizaram a formalização dos Estudos da Tradução como disciplina. Em seguida, abordei a concepção do traduzir sob uma perspectiva crítica pensando a tradução num caminho outro que não fosse o dos essencialismos e binarismos.

LACAN E O SEMINÁRIO: já dentro do território da psicanálise, o assunto esteve pautado principalmente sob dois aspectos: 1) Lacan como articulador que,

após um período marcado pelo fechamento da psicanálise, viabilizou uma reabertura do campo, oportunizando tanto novas conexões quanto críticas; 2) a tradução como sendo um duplo agente que, ao mesmo tempo, permitiu a transmissão da psicanálise e foi visibilizada por Lacan quando ele a coloca em evidência como instrumento relevante nessa transmissão; 3) contextualização da obra, notadamente *O Seminário*.

ENTRE: trouxe algumas problematizações sobre idealizações universalizantes, e procurei suscitar diálogos trazendo alguns autores com propostas filosóficas e decoloniais para promover um pensamento *fronteiriço*, de *encruzilhada*, *fresta* e da *relação*.

PISTAS DO MOVIMENTO LACANIANO NO BRASIL, E A AMÉRICA LADINA: no último capítulo, o relato do processo de pesquisa e seus desdobramentos. Nele, há uma mudança de percurso da pesquisa, onde me deparo com a figura de Lélia Gonzalez inserida no contexto da psicanálise, mas invisibilizada. Ali discuto algumas de suas contribuições.

1. TRADUÇÃO E PSICANÁLISE

1.1. Das teorias da tradução

Antes de qualquer coisa, aqui é necessário fazer uma advertência. Para os propósitos desta dissertação, melhor do que descrever um percurso que tradicionalmente se faz da história da tradução, um que seja exaustivo e provavelmente pouco conveniente para o momento, vamos traçar um mapa sobre alguns dos momentos que consideramos mais importantes do seu desenvolvimento. Mas por que um mapa? Porque não nos interessa remontar as origens da tradução, e sim apresentar uma correlação entre alguns autores e obras contemporâneos e suas contribuições sobre formas de pensar a tradução que temos atualmente. É importante que seja o esboço de um mapa e não uma linha do tempo, porque não nos interessa afirmar qual autor propôs primeiro tal teoria ou quando uma teoria caiu em desuso; o que interessa aqui é a conexão entre pensamentos. Uma pesquisa de inspiração cartográfica supõe a nossa renúncia ao “o quê”, tanto da pergunta quanto da resposta. As essências não nos interessam. O esforço consiste em, onde aparece algo dessa essencialidade, seja na pergunta ou na resposta, dizemos: vá adiante, até onde for possível. Sendo assim, a pergunta é: com o que se conecta um elemento da pesquisa? Ou melhor, como se conecta?

Entre hipóteses, teorias e paradigmas, a tradução sempre foi atravessada por muitos dizeres. Para localizar seu estado da arte sem com isso narrar sua história à exaustão, é preciso remontar, pelo menos em alguma instância, os momentos canônicos que constituem sua trajetória e suas repercussões. A história mais amplamente mencionada atribui aos romanos as origens dos primeiros escritos que falavam de forma explícita sobre as traduções e as reflexões decorrentes delas. Assim, passados os séculos, sabe-se que a tradução foi estudada por inúmeros autores das mais diversas áreas, em especial da filosofia, linguística e literatura. Dito isso, vejamos traçado mais geral que vai desaguar no pensamento que se conecta com a psicanálise, notadamente com Antoine Berman.

Embora a tradução tenha recebido diversas contribuições de várias áreas do conhecimento, em termos de sistematização da disciplina, isto é, entendê-la com

forma e objeto de estudo definidos, James Holmes é consensualmente citado como seu precursor. No ensaio *The Name and Nature of Translation Studies* (1972), o teórico coloca em questão o status confuso da disciplina e propõe uma reflexão acerca da sua sistematização. Sua composição foi fortemente influenciada pelo formalismo russo, corrente literária que tinha como característica o foco e a forma, e não mais os aspectos socio-histórico-culturais da literatura. Muitas outras teorizações foram influenciadas pelos formalistas, que tinham como objetivo encontrar leis universais que pudessem ser aplicadas ao modo positivista. A ideia era que esses modelos aproximassem a arte das ciências naturais, visando uma prática científica de observar seus fenômenos.

Segundo Gentzler (2009), na década de 1970 predominavam dois principais modelos de pesquisa:

[...] aqueles que enfocavam basicamente os interesses literários, rejeitando pressuposições teóricas, regras normativas e jargão linguístico, e os que se concentravam em questões linguísticas, alegando uma abordagem “científica” e rejeitando soluções alógicas e especulação subjetiva (p. 107).

Ele acrescenta que, para Holmes e outros colegas estudiosos, belgas e holandeses, contudo, não havia motivo para separar as abordagens e que era possível adotar características tanto das teorias quanto das ciências da tradução em vistas de elaborar um pensamento novo (Gentzler, 2009).

Nesse sentido, Holmes se dispõe a pensar, entre outras questões, quais seriam os limites do campo e qual nomenclatura seria mais adequada para defini-lo. Assim, ele cunha o termo “estudos da tradução” acompanhando algumas tendências das ciências humanas da época. Com relação ao alcance da disciplina, propõe que ela devesse ser capaz de: “(1) descrever os fenômenos do traduzir e da tradução tal como se manifestam no mundo de nossa experiência e (2) estabelecer os princípios gerais por meio dos quais esses fenômenos podem ser explicados e preditos” (2021, p. 171, tradução nossa)⁴. Além disso, ele separa as áreas de investigação por categorias e subcategorias, que posteriormente são isoladas e formalizadas por Gideon Toury. O que Holmes pretendia, e podemos dizer que obteve sucesso, era compor um território de pesquisa e, para isso, fez uso das ferramentas que dispunha. Vejamos de forma um pouco mais detalhada seu objetivo:

⁴ No original: “(1) describir los fenómenos del traducir y la traducción tal como se manifiestan en el mundo de nuestra experiencia, y (2) establecer los principios generales por medio de los cuales esos fenómenos pueden ser explicados y predichos” (Holmes, 2021, p. 171).

O objetivo final do teórico da tradução no sentido amplo do termo deve ser, sem dúvida alguma, o desenvolvimento de uma teoria completa e inclusiva que contemple tantos elementos quanto forem necessários para explicar e prever todos os fenômenos que pertencem ao campo do traduzir e da tradução, com exclusão de todo outro fenômeno que não pertença a ele (Holmes, 2021, p. 173, tradução nossa).⁵

Contudo, como explica Iván Villanueva Jordán (2011), é importante levar em consideração que, embora suas proposições tenham um caráter normativo, Holmes estava ciente de que a tradução era um fenômeno complexo e não haveria aparato teórico que pudesse esgotar toda a sua dimensão. Ainda com relação às contribuições de Holmes, podemos pensar que, na tentativa de esboçar uma teoria da tradução, ele propôs duas concepções que não necessariamente colidem entre si, pois, ao mesmo tempo em que ele apresenta uma estrutura arborescente⁶, não excluía possibilidade se fazer uma leitura rizomática do campo. O que temos observado, entretanto, é que uma dessas concepções ganhou mais força.

No artigo *La traducción y sus discursos: Apuntes sobre la historia de la traductología* (2013), Patricia Willson apresenta o conceito de tradução explorado por Michel Serres, também desenvolvido na década de 1970. Segundo consta no texto, compartilhando muitas semelhanças com os modelos triádicos da semiótica peirceana, a concepção de tradução explorada por Serres poderia ser pensada como um processo de conhecimento, dessa forma teríamos a dedução (lógico-matemática), a indução (ciências empíricas), e a tradução como agente capaz de estabelecer conexões entre saberes científicos. Trata-se, segundo a autora, de uma visão vanguardista, pois aponta para o que se entende como transdisciplinaridade da tradução, isto é, considerar suas características interrelacionais e seu uso adequado para analisar esses processos. Contudo, ela revela que essa concepção está datada, pois supõe como efeito um modelo de unidirecionalidade e invariabilidade da tradução. Ainda assim, estes modelos trouxeram fortes contribuições para a discussão sobre a cientificidade do campo, em oposição à teoria da equivalência, que era fortemente defendida até então. É importante citar esse momento, tendo em vista que a proposta de Serres dialoga com o projeto de

⁵ No original: “El objetivo último del teórico de la traducción en el sentido amplio del término debe ser, sin duda alguna, el desarrollo de una teoría completa e inclusiva que contemple tantos elementos como sean necesarios para explicar y predecir todos los fenómenos que pertenecen al campo del traducir y la traducción, con exclusión de todo otro fenómeno que no pertenezca a él” (Holmes, 2021, p. 173).

⁶ Cf. *The Name and Nature of Translation Studies* (1972), James Holmes.

Anton Popovič, que, por sua vez, era membro do grupo checo e eslovaco que influenciou o trabalho de Holmes.

A “virada cultural” marca uma fase em que os estudos da tradução passam a debater com outras áreas do conhecimento que não estavam mais diretamente ligadas à linguística, mas passavam a se relacionar com os Estudos Culturais. Nesse sentido, Mona Baker (1999) relata que Susan Bassnett e André Lefevere publicam uma série de textos correlacionados aos estudos culturais com o objetivo de abordar a virada cultural nos estudos da tradução. Trata-se de um projeto que propunha pensar a tradução para além do paradigma prescritivista atrelado à linguística e, portanto, “tratar do problema da ideologia, mudança e poder na literatura e na sociedade, de forma a confirmar a função central da tradução como força modeladora” (Bassnett; Lefevere, 1990 *apud* Baker, 1999, p. 16). Nesse momento da história dos os chamados Estudos da Tradução (com maiúsculas) passam por uma crescente produção de trabalhos desenvolvidos pela Escola de Tel Aviv, com os desdobramentos da Teoria dos Polissistemas de Itamar Even-Zohar. Também fortemente influenciada pelo formalismo russo, essa teoria foi posteriormente adotada por Gideon Toury, que formulou o conceito de normas da tradução, originalmente aplicadas à literatura traduzida, e consistem em

valores ou ideias gerais compartilhadas por uma comunidade [...] traduzidos em instruções de desempenho adequadas e aplicáveis a situações específicas, indicando o que é prescrito e proibido, e também o que é tolerado e permitido em uma determinada dimensão comportamental (Toury *apud* Pym, 2012, p. 146).

Aqui vemos uma pergunta pelo “o quê” e até pelo “como”; entretanto essas perguntas subordinam de alguma forma as conexões.

Os então denominados Estudos Descritivos da Tradução tomam forma e ganham força como campo disciplinar. As contribuições de Lambert & Van Gorp (2011, p. 209) no texto *Sobre a descrição de traduções*, onde fornecem um “esquema hipotético para descrever traduções”, são até hoje bastante utilizadas como metodologia.

1.2. À luz da *tradutologia* bermaniana e sua relação com a psicanálise

Para delimitar o nosso território de pesquisa, a partir daqui nosso percurso seguirá através da proposta de Antoine Berman, teórico e tradutor francês que

forneceu ferramentas importantíssimas para pensar a tradução sob o horizonte de sua *tradutologia*. Vamos abordar sua concepção sobre *ética da tradução* e sua proposta *analítica*, e também explorar a articulação entre tradução e psicanálise presente em sua composição teórica, considerando os empréstimos que toma de conceitos psicanalíticos como o inconsciente para trabalhar as *forças* psíquicas que atuam no fazer tradutório.

Dito isso, em primeiro lugar, é fundamental entender sob qual perspectiva seu trajeto é pensado, ou seja, em que consiste sua perspectiva ética? Berman menciona que “[...] a essência da tradução é ser abertura, diálogo, mestiçagem, descentralização. Ela é relação, ou não é *nada*. [...] a tradução, para ter acesso a seu próprio ser, exige uma *ética* e uma *analítica*” (Berman, 2002, p. 17, grifos do autor).

A visada ética positiva tem por objetivo delimitar o que é traduzir. Tendo em seu horizonte o conceito de *fidelidade*, essa visada pretende formular uma definição da tradução que a retire de sua posição marginal (Berman, 2002, p. 18). Ela estaria, dessa forma, em oposição à ética (ou análise) negativa da tradução, visão ancorada na conservação da tradição de resistência ao contato com o estrangeiro, que antes de reconhecer o outro, toma-o como estranho, “traz tudo à sua própria cultura, às suas normas e valores, e considera o que se encontra fora dela — o Estrangeiro — como negativo ou, no máximo, bom para ser anexado, adaptado, para aumentar a riqueza desta cultura” (Berman, 2013, p. 39). Uma das consequências dessa prática negativa é o apagamento da tradução, algo que é possível de ser observado não só nas traduções canônicas romanas e francesas, mas na própria influência que estas exerceram no modo ocidental de pensar a tradução.

Quando se introduz a ética na discussão, é possível falar em uma “virada ética”, como abordam Alice Ferreira (2020) e Barbara Godard (2021). Essas autoras desdobram a problemática e apontam as escorregões na moral deontológica, abrindo o campo de pesquisa. No texto “Traduzir-se po-eticamente”, Ferreira traduz “*mise en rapport*”, não apenas como “relação”, mas como “pôr em relação”. Isso nos leva a pensar que somente quando é colocado ou posto em relação, ou seja, quando se faz essa operação e se sustenta até suas últimas consequências, estamos no registro da ética. Chegaremos até as últimas consequências, mas não com um *dever ser*. Não se chega até as últimas consequências com um *dever ser*. Entendemos que o mais radical dessa ética pode ser visto nessas autoras, inclusive

pelo questionamento da relação com o outro, pois não se trata somente de pôr em relação, mas também de tensioná-la.

À visada ética da tradução é atribuída a função *analítica*, outro termo que consideramos de suma importância, pois, como veremos a seguir, tem inspiração psicanalítica para trabalhar as tendências deformadoras da tradução. Trata-se, como menciona Berman, de uma análise “também no sentido psicanalítico, na medida em que esse sistema é grandemente inconsciente e se apresenta como um leque de tendências, de forças que desviam a tradução de seu verdadeiro objetivo” (Berman, 2013, p. 63).

A proposta de Berman, interrompida pela sua morte, precisa de desenvolvimentos, mas este não será o espaço para saldar essa dívida. Contudo, é importante mencionar que a sua ideia de *força* como manifestação do inconsciente, nos aproxima de sua concepção. Nesse sentido, a analítica implicaria o trabalho de contornar aquilo que funciona à revelia. Dito de outro modo, a de-formação seria o que funciona como manifestação da nossa formação (é o inconsciente dito com todas as letras: Isso fala, Isso pensa). Com isso, o leque de processos de deformação não precisa ficar limitado ao elenco de tendências que ele menciona e, como ocorre na psicanálise, esses processos poderiam ser submetidos a uma análise caso a caso. É possível pensar que as doze tendências foram as que ele conseguiu decantar da sua análise de caso. Essa analítica não precisa se resumir ou ser encaixada a essas que ele elencou, pois são apenas algumas tendências. Algumas tendências que podem ser lidas como uma análise de caso psicanalítica.

Como vimos, há uma forte presença de conceitos psicanalíticos na obra de Berman. Além das noções de analítica e forças psíquicas, ele menciona a *pulsão do traduzir* (Berman, 2002). O que nos interessa dessa concepção, pelo menos por enquanto, está inserida num contexto específico — da psicanálise —, portanto, há dois elementos em evidência: 1) a discussão que estava sendo colocada na França em relação às traduções de Freud e 2) a tradução que coloca em circulação os conceitos psicanalíticos que permeiam a obra de Berman.

Podemos constatar algumas dessas percepções no livro *Traduzir Freud* (1992), de Jean Laplanche, Pierre Cotet e André Bourguignon, que é um trabalho que nos localiza em um contexto maior de discussão sobre as traduções de Freud

na França da década de 1980⁷. No referido, os autores contam que a obra é resultado de um trabalho de reflexão sobre a tradução em equipe realizada nos 30 anos anteriores ao seu lançamento (Laplanche; Cotet; Bourguignon, 1992, p. 7). O comentário performa a proposta de Berman com relação à sua tradutologia, isto é, trata-se de um trabalho de reflexão da tradução pela própria prática. Essa não é a única referência a Berman, já que as páginas seguintes os autores citam *A prova do estrangeiro*, que apesar da menção, curiosamente, não é creditada como inspiração pelos autores, mas como fonte de referências às teorizações alemãs sobre a tradução.

Esse primeiro comentário da obra expõe a discussão em torno da prática etnocêntrica da tradução, nesse caso colocando como contraponto a visão alemã sobre as traduções francesas. Os autores trazem como exemplos citações de Schlegel e Goethe que denunciam a resistência francesa, sob o ponto de vista alemão, em estabelecer uma relação positiva com a alteridade:

... é como se eles desejassem que cada estrangeiro, no país deles, se comportasse e se vestisse segundo seus costumes, o que os leva a nunca conhecerem realmente um estrangeiro (Schlegel *apud* Laplanche; Cotet; Bourguignon, 1992, p. 8).

O francês, assim como adapta à sua garganta as palavras estrangeiras, faz o mesmo com os sentimentos, os pensamentos e até os objetos; exige a qualquer preço, para cada fruto estrangeiro, um equivalente que tenha crescido em seu próprio território (Goethe *apud* ibidem).

Os autores parecem querer demonstrar uma postura anti-etnocêntrica de pensar a tradução, e ainda acrescentam que esse movimento vai além:

o movimento de voltar-para-si ou, pelo contrário, de se-voltar-para-o-outro não vale apenas para o gênio de cada uma das línguas em questão. Voltar-para-si é também voltar para suas próprias ideologias, quer elas sejam culturais, psiquiátricas, ou até... psicanalíticas. “O estrangeiro” não é apenas aquele da língua alemã, mas aquele que Freud desvela: a estranheza de sua descoberta e das palavras que utiliza para dizê-la (Laplanche; Cotet; Bourguignon, 1992, p. 10).

Gostamos de pensar que aqui parece haver uma visão que nos dá alguma indicação sobre a possibilidade de uma psicanálise que possa pensar sobre si mesma a partir de suas traduções.

⁷ Cf. nota 2. O texto “Connaître Freud avant de le traduire”, de J. Laplanche e J.B. Pontalis que fala sobre traduções da obra freudiana, publicado no jornal *Le Monde* em 1º de março de 1967. Lacan comenta esse artigo no mesmo dia em que os autores publicaram.

Nas páginas seguintes, os autores seguem discutindo sobre como uma tradução, por mais pretensamente etnocêntrica que seja, não consegue apagar totalmente o estrangeiro e isso, querendo ou não, tem efeitos na língua de chegada. Um desses efeitos é que justamente o esforço para deixar a tradução mais próxima da própria cultura, contraditoriamente (ou não), acaba por modelar a língua de tradução, e como eles muito bem apontam, “numa tradução que consegue se impor como uma obra, a estranheza de hoje é o que, amanhã, será admitido por todos” (Laplanche; Cotet; Bourguignon, 1992, p. 10).

Em suma, pudemos ver de forma exemplificada a ética sendo articulada pela analítica, que, como menciona Berman, é uma análise operada no sentido psicanalítico, pois em grande medida o sistema de deformações é inconsciente, assim:

É ilusório pensar que poderia se desfazer dessas forças tomando simplesmente consciência delas. Apenas uma “análise” de sua atividade permite neutralizá-las. É apenas ao submeter-se a “controles” (no sentido psicanalítico) que os tradutores podem esperar libertar-se parcialmente desse sistema de deformação (Berman, 2013, p. 63).

A ética da relação supõe uma analítica, de inspiração psicanalítica, que permite olhar para aquilo que opera de forma inconsciente e que estamos dispostos a trabalhar. Nesse sentido, por não se furtar do conflito da relação, produz-se uma certa expansão da zona da tradução e, também, dribla os deveres, provocando devires. Os controles, por sua vez, se referem ao que na clínica psicanalítica é conhecido como supervisão. Trata-se de um dispositivo que faz parte da clínica do caso. Um psicanalista apresenta para outro psicanalista questões da sua da sua clínica. Nesse dispositivo, tenta-se abrir novas vias de leitura do material.

Não é fácil dizer quais são os limites de um caso, quais são as vozes que fazem parte dele. O “fora” vai imiscuir-se o tempo todo na conversação entre analista e analisante. Um exemplo disso é a supervisão como parte inerente à produção do texto e a sua textualidade. A escrita do texto analítico é um processo *contra psicológico* de multiplicação de vozes e de questionamento da figura do autor. Na medida que o texto se escreve, sua origem se esvai e seus limites se diluem (Bonoris, 2022, p. 31, grifos do autor, tradução nossa).⁸

⁸ No original: “No es fácil decir cuáles son los límites de un caso, cuáles son las voces que forman parte de él. El “afuera” se inmiscuye todo el tiempo en la conversación entre analista y analizante. Un ejemplo es la supervisión como parte inherente en la producción del texto y su textualidad. La escritura del texto analítico es un proceso *contrapsicológico* de multiplicación de voces y de cuestionamiento de la figura del autor. En la medida en la que el texto se escribe su origen se desvanece y sus límites se diluyen” (Bonoris, 2022, p. 31, grifos do autor).

Não obstante todas essas considerações, não podemos deixar de ponderar sobre a tensão provocada pelas relações de poder que ocorrem na disputa hegemônica das línguas. Se por um lado Berman fala a partir de um lugar em que se abrir para o outro é uma necessidade histórica — francês, europeu, falante de uma língua dominante etc. —, por outro lado, essa mesma relação tem um peso diferente para línguas de menor hegemonia. Vimos que para os franceses parecia haver uma espécie de tesouro a ser preservado, a língua não podia ser “contaminada”. Essa é a relação da língua francesa com muitas línguas. Mas podemos aplicar a mesma lógica quando pensamos a tradução na nossa relação com outras línguas? Como comenta Venuti: “para limitar o movimento etnocêntrico inerente à tradução, um projeto deve levar em consideração outros interesses além daqueles pertencentes a uma comunidade cultural que ocupa uma posição dominante na cultura doméstica” (2019, p. 168).

Interessa-nos, portanto, evocar a ideia de *pôr em relação*, como traduzido por Ferreira (2020) — como o que foi, de início, traduzido em Berman como *relação* —, pois é esse movimento que nos convoca a pensar a relação com o outro. A relação com o estrangeiro só pode ser pensada numa ética da tradução se consideramos as dissimetrias entre as línguas. Voltaremos a esse tema⁹, por ora voltemos para a tradutologia de Berman.

Eis a ideia de uma ética da relação que é o próprio espaço plurilíngue da tradução. Assim, a tradução adquire outras proporções, é um campo de pensamento. A ética da relação não permite uma separação entre teoria e prática, mas uma topologia dessa relação que desmancha os dualismos, pois, como menciona Meschonnic (2009, p. 11): “uma ética binária também, uma ética sem prática, uma prática sem ética”¹⁰.

De modo geral, é possível constatar a razão pela qual é importante mencionar sua ocupação de tradutor em vários momentos na obra de Berman. Isso porque ele parte dessa posição para pensar tradução, isto é, produzir uma reflexão da tradução a partir do ofício em si.

Quero situar-me inteiramente fora do quadro conceitual fornecido pela dupla teoria/prática, e substituir esta dupla pela da *experiência* e da *reflexão*. A

⁹ A discussão é retomada no capítulo 3.

¹⁰ No original: “una ética binaria también, una ética sin práctica, una práctica sin ética” (Meschonnic, 2009, p. 11).

relação entre a experiência e a reflexão não é aquela da prática e da teoria. A tradução é uma experiência que pode se abrir e se (re)encontrar na reflexão. Mais precisamente: ela é originalmente (e enquanto experiência) reflexão (Berman, 2013, p. 23).

Ele se ocupa de trabalhar sobre a dupla dimensão experiência/reflexão inspirado pela filosofia moderna, em especial, de Heidegger. Berman comenta que as traduções realizadas pelos idealistas alemães fazem parte de sua (dos alemães) essência do próprio ato de traduzir, e, por isso, o ato de filosofar sobre esses textos não pode ser desatrelado da prática de tradução.

Barbara Cassin assume uma posição oposta aos instintos essencialistas, uma vez que um discurso baseado especialmente na experiência (ao modo heideggeriano) supõe o universalismo; para combater isso, ela propõe o relativismo consequente, que implica em descentralização:

O relativismo consequente implica passar a ideia de uma Verdade única, a verdade, e, assim, da ideia de que há *um* verdadeiro e *um* falso, para ideia de que há “um mais verdadeiro”, um “melhor para”, um “comparativo dedicado” em dada situação. [...] Quando se traduz, logo, quando se passa entre línguas, “desessencializa-se”. Trata-se sempre de mostrar que, em vez de uma essência fixa, há interferência, que cada língua é para uma outra “o albergue do longínquo” (Cassin, 2022, p. 105).

Entendemos essa menção como uma mensagem nas entrelinhas às idealizações essencialistas presentes em alguns posicionamentos de Berman e Heidegger, dentre outros. No caso de Berman, a sua relação com a filosofia talvez poderia indicar esse vínculo. Essas posições podem estar sugeridas pela presença de concepções que também circulavam na época em que Heidegger formulou sua filosofia. Parece haver, como dissemos, uma contradição, pois Heidegger possui uma concepção universalista.

Nesse sentido, só poderíamos propor uma analítica do próprio texto de Berman. A fidelidade tem a ver com a essência? Não. A analítica da essência existe? É possível. A questão é que parecem conviver duas ideias no pensamento de Berman, um certo atravessamento de idealizações essencialistas. Devido ao seu falecimento prematuro, não podemos identificar ao certo se sua composição seguiria por qualquer uma dessas linhas, mas ter noção disso implica pensar que se trata de um pensamento em construção, que como todo pensamento, tem seus momentos e fases, e só podemos conjecturar que, talvez, o tempo permitiria a sua continuidade. Quanto ao seu intuito de definir o *puro* objetivo da tradução, só podemos opor a ele sua própria ideia, que, apesar do corte, legou o lema chave do potencial da

tradução: “só o movimento da tradução faz *aparecer* a luta que se desenrolou no original” (Berman, 2002, p. 305).

2. LACAN E O SEMINÁRIO

A obra lacaniana desempenhou um papel crucial para o desenvolvimento da teorização do campo psicanalítico. Discutir sobre os temas que tangenciam os aportes do psicanalista francês requer que, pelo menos de maneira breve, nos dediquemos a apresentar o seu legado. Dito isso, neste capítulo abordaremos, sem tratar de esgotar sua biografia, quem foi Jacques Lacan e quais foram os desdobramentos de suas contribuições, especialmente no que se refere à tradução.

2.1. Uma breve introdução à Jacques Lacan

No dia 13 de abril de 1901, nascia em Paris Jacques-Marie Émile Lacan, que futuramente se tornaria uma das figuras mais importantes da história da psicanálise. O contexto geral era de uma França em plena *Belle Époque*, período destacado pela eclosão de movimentos artísticos e intelectuais e concomitante à publicação da *Interpretação dos Sonhos* (1900). Formou-se em medicina, realizando sua primeira apresentação de paciente em 1926, aos 25 anos, no mesmo ano em que era fundada a Sociedade Psicanalítica de Paris (SPP), a primeira associação freudiana em Paris. Após especializar-se em neurologia, alguns anos mais tarde, como prescrevia a tradição, Lacan seguiria para a psiquiatria, onde finalmente entra em contato com a psicanálise (Roudinesco, 1994).

Sua entrada no campo ocorre num momento em que a teoria freudiana, embora pujante no pensamento francês já não simbolizava a subversão estabelecida pelo seu precursor, Sigmund Freud. Ainda que estivesse bastante presente em diferentes tipos de instituições, a psicanálise parecia andar mal das pernas, ou, como se diz, sofrera uma domesticação. Os motivos que a levaram a tais circunstâncias eram diversos, para destacar um deles poderíamos dizer que, após o falecimento de Freud, a psicanálise perdera parte da proteção de seu mestre, o que levou a uma disputa pelo seu estatuto epistemológico, dando abertura para que toda sorte de crenças e conceitos enxergassem uma oportunidade de se associarem a ela, tendo em vista o seu alcance. Contudo, ainda que algumas elaborações compartilhassem similaridades com a teoria freudiana, muitas delas nem sequer poderiam ser chamadas de psicanálise (Cesarotto; Leite, 2001).

É durante esse período, marcado por uma série de conflitos e fragmentações nas escolas francesas, que Lacan ganha mais destaque no campo. Mais precisamente no ano de 1953, após sair da SPP, ele entra para a então recém-criada Sociedade Francesa de Psicanálise (SFP), onde assume posição de linha de frente, o que lhe permite ministrar na conferência de abertura uma introdução a uma leitura totalmente nova do inconsciente freudiano, que posteriormente será abordada com mais profundidade no célebre texto *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise* (1953). Em seguida, nesse mesmo ano, dá início a uma série de seminários, aulas que serão proferidas pelos próximos quase trinta anos, dos quais os dez primeiros serão dedicados ao que ficará amplamente conhecido como o retorno a Freud (Safatle, 2017). Com o tempo, o tal retorno foi assimilado como uma espécie de volta às origens, Paulo Sérgio de Souza Jr. (2023, p. 118) nos mostra uma outra perspectiva quando fala do “retorno ao futuro da letra de Freud”.

A partir do famoso axioma “o inconsciente é estruturado como uma linguagem”, de correspondência com a sua formação estruturalista, Lacan então parte ao tal retorno, baseando-se na premissa de que o inconsciente não faz parte dos processos psíquicos internalizados no indivíduo — noção que para ele não está presente em Freud, mas na filosofia romântica. Ele propõe que, na verdade, o inconsciente freudiano “obedece à sua própria gramática e lógica: o inconsciente fala e pensa” (Žižek, 2010, p. 9), e, portanto, tem uma estrutura, e essa estrutura se apresenta como linguagem. Seu aporte consistiu então em dar à obra freudiana uma renovação que, por um lado, recuperasse algumas das ideias freudianas de maior alcance teórico e que haviam sido silenciadas no cânone de leitura vigente, e por outro, a partir da abertura de fronteiras para as mais diversas áreas, colocasse a psicanálise na roda de conversa. Assim, é muito difícil falar de Lacan sem percorrer a linguística (Saussure, Jakobson, Benveniste), a antropologia (Lévi-Strauss) a filosofia num catálogo bem amplo, dentre outras.

2.2. O percurso de O Seminário

No início da década de 1950, Lacan já era bastante conhecido pela comunidade intelectual francesa, dentro e fora da psicanálise, com a sua crescente popularidade, as reuniões que vinham ocorrendo em sua casa precisaram mudar de

local devido às limitações de espaço, então em 1953 ele passa a proferir as aulas no anfiteatro do Hospital Saint-Anne. Os encontros passam a ser estenografados e disponibilizados para circulação interna da SFP e posteriormente, a partir de 1962, gravados.

Em 1963, Lacan é expulso da SFP, que o faz com o objetivo de ser reconhecida pela Associação Internacional de Psicanálise (IPA). Esta última, por sua vez, considerava a postura de Lacan inadequada por não obedecer às normas da instituição, como, por exemplo, não respeitar o tempo de 50 minutos estabelecido para cada sessão. Em 1964, os seminários passam a ser ministrados na Escola Normal Superior (ENS), no mesmo ano Lacan funda a Escola Freudiana de Psicanálise (EFP) e em 1966 publica os *Escritos*. Os seminários novamente são transferidos em 1969, desta vez para a Faculdade de direito da Sorbonne, seu último destino.

Através dos registros fornecidos por Elizabeth Roudinesco em algumas de suas biografias sobre Lacan (1988;1994), sabemos que ele tinha muitos receios referentes às publicações de textos escritos, de modo que tanto os *Escritos* quanto os seminários estão repletos de histórias em torno de sua realização. Escolhemos aqui sublinhar alguns pontos importantes desses momentos que constituem a história da transmissão do Lacan chamou de “meu ensino”.

Em 1972, os *Escritos* já circulavam de forma ampla e haviam se tornado clássicos, fama que não se estendia aos seminários. Foi então que, seduzido pela enorme repercussão de *O anti-Édipo*, livro escrito por Gilles Deleuze e Félix Guattari, “cujo texto se originava de um ensaio oral e de uma escrita dupla” (Roudinesco, 1988, p. 612), Jacques-Alain Miller, genro de Lacan, idealiza a publicação dos seminários. Motivado pelas críticas feitas por Miller às transcrições feitas até a ocasião, Lacan então propôs ao genro que se encarregasse delas, ao que ele aceita e propõe publicá-las em livros enumerados numa coleção intitulada de *O Seminário*.

Em contrato firmado com a editora Seuil, o *Seminário XI: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, correspondente às aulas proferidas em 1964, é lançado em 1973, inaugurando com a entrada de Miller o lançamento do primeiro de 25 volumes¹¹, dos quais apenas 18 foram oficialmente editados¹² — as transcrições

¹¹ Patricia Reuillard (2011) menciona que Lacan ministrou 25 seminários orais entre 1951 e 1980; porém, segundo Dunker (2021), o seminário 26 (1978-1979) foi o último que ainda preservava o

das estenografias podem ser consultadas no site *Staferla*. Em português, as edições oficiais são publicadas pela editora Zahar. O processo de escrita a partir das estenografias é denominado por Miller de *estabelecimento do texto*, e dessa aliança entre genro e sogro surge uma espécie de pacto onde não se diferencia onde começa um e termina o outro, ambos são autores da mesma ideia (Roudinesco, 1988, p. 615-616).

Para os que estão familiarizados com a figura de Lacan, não é novidade que sua personalidade muitas vezes é caracterizada como excêntrica, extravagante e polêmica. O professor, cujo estilo de ensino consistia em improvisações fundamentadas em suas anotações, sem dúvida causou grande impressão e são esses tipos particularidades que constituem uma espécie de mística em torno de sua figura. Dito isso, não podemos perder de vista que a preocupação com a transmissão do seu ensino está relacionada com a dificuldade de reproduzir na escrita os mesmos efeitos que são transmitidos através da oralidade. A preferência de Lacan pelo ensino oral compreendia que o texto escrito representa uma ideia de permanência e, portanto, contrária a própria noção de movimento presente em suas elaborações. O que performa a psicanálise proposta por ele é justamente a possibilidade que a fala oral permite de não seguir uma linearidade, ou seja, as idas e vindas, os usos de homofonias e todas as ferramentas que a língua falada oferece.¹³ Os discípulos e leitores provavelmente reconhecerão a angústia pelo adiamento contínuo da conclusão presente nos seminários. Assim, como numa sessão de análise, em suas aulas ele poderia conduzir uma encenação “[*mise en scène*], uma formulação do inconsciente em uma linguagem que deve comentar e ilustrar a linguagem deste inconsciente” (Oseki-Dépré, 2004, p. 68 *apud* Martins, 2020, p. 12).

No artigo “A tradução dos seminários de Jacques Lacan” (2011), Patrícia Reuillard aponta várias nuances do estilo e da escrita lacaniana que apresentam desafios no que concerne à tradução. Ela traz menções de alguns autores sobre especificidades como os diferentes usos de registro, línguas, neologismos e ainda

formato dos demais, embora nas últimas aulas Lacan já estivesse com a saúde bastante comprometida, devido ao câncer e tivesse passado a condução das aulas para seus alunos.

¹² Recentemente foram publicados mais dois seminários, a saber: *O Seminário 14, A lógica do fantasma*; e *O Seminário 15, L'Acte psychanalytique*, em 09 de fevereiro de 2024, este último ainda sem tradução para o português.

¹³ A escrita cartográfica, como veremos nos capítulos seguintes, permite contornar algumas dessas dificuldades.

as consequências dos problemas nas transcrições, que dependiam de uma escuta extremamente atenta e que era impossibilitada “devido a um ruído externo, a pronúncia ou articulação inadequadas” ou, também, a outras situações relacionadas ao “desconhecimento ou engano daquele que transcreve” (Ramos Reuillard, 2011, p. 399). Sobre a questão dos mal-entendidos, a tradução também compartilha de impasses de natureza parecida, pois, aquele que desconfia da “infidelidade” da transcrição, também desconfiará da tradução. Assim como quem transcreve um seminário faz escolhas e determina a pontuação, quem traduz também precisa fazer o mesmo. A desconfiança a respeito dos neologismos pode ser maior ainda, se olharmos para a preferência do uso dos termos em francês por alguns psicanalistas, especialmente os das gerações anteriores. Nesse último ponto, a tradução se mostra como uma ferramenta de grande valor epistemológico para pensar as implicações e especificidades do ensino de Lacan.

2.3. Deleuze, Guattari e Lacan e a questão da ruptura: não há atrito sem contato

Antes de prosseguirmos, façamos uma brevíssima digressão sobre a crise que rondou a psicanálise no período pós-guerra, a fim de localizarmos as condições que permitiram a crítica deleuze-guattariana endereçadas, de maneira abrangente, à psicanálise e, mais especificamente, à teoria lacaniana, num movimento pós-estruturalista.

Como vimos anteriormente, apesar dos esforços de Freud para preservar o estatuto científico da psicanálise e não deixar que esta se confundisse com outras práticas, o período pós-guerra conferiu a ela um status de incerteza devido aos ataques e realocações forçadas. Dessa ramificação, vários outros países se tornaram refúgio para os psicanalistas e ela foi rapidamente assimilada. Aconteceu num primeiro momento na Inglaterra, que, além de local de exílio de Freud, também foi território das primeiras traduções e sistematização da obra freudiana através da *The Standard Edition of the Psychological Works of Sigmund Freud*. Num segundo momento, quando foi introduzida nos EUA, a psicanálise acabou tomando outros contornos com a *Ego psychology*, cujo enfoque estava na centralidade do eu nos processos psíquicos, uma visão da qual Lacan e muitos psicanalistas eram

categoricamente contrários. Segundo Roudinesco e Plon (1998), é nessa conjuntura que Lacan vai se perguntar sob quais condições a psicanálise é possível e atacar a teoria adaptativa do eu partindo ao retorno a Freud através da recolocação do inconsciente como tema central da discussão.

No texto “Aspectos históricos da psicanálise pós-freudiana” (2006), Christian Dunker conta como uma das principais vertentes do freudismo nos EUA, a dita “psicologia do ego”, ganhara força em Nova Iorque, destino escolhido por muitos psicanalistas judeus refugiados. Essa segunda geração se viu inclinada a reconfigurar ideias e práticas agora em uma nova cultura com outros costumes, conduzindo então a uma teoria menos subversiva e mais adaptativa e adequada para as elites. À medida que um certo conformismo visando a anuência da comunidade psiquiátrica foi tomando conta da psicanálise, esta foi se encaixando cada vez mais num modo de subjetividade individualista. A tradução serviu como ferramenta para essa domesticação, uma vez que foi utilizada uma terminologia mais palatável para penetrar a área da psiquiatria. Os efeitos disso são colhidos até hoje.

A Ego psychology é marcada

pela ortodoxia formativa, pela ritualização da técnica e pela influência da psicologia que procura realizar a integração do homem na sociedade sem antes questionar a natureza contraditória dessa mesma sociedade. O ego torna-se assim expressão do individualismo. A sua força ou fraqueza é a medida da sua capacidade de acesso à realidade e a sexualidade deixa de ocupar a cena primordial do tratamento (Dunker, 2006, p. 401).

Ainda considerando as observações de Dunker, temos que no contexto em que as várias vertentes do freudismo apontavam para um fechamento da doutrina, ao mesmo tempo “as próprias dificuldades e os desajustamentos entre o projeto clínico e a experiência efetiva do tratamento são o maior motor das reformulações internas à psicanálise” (2006, p. 402). É nesse contexto de reformulação que o movimento francês parte para um caminho da refundação da psicanálise, onde Lacan se insere como intérprete e interpelador da teoria freudiana buscando a interlocução com diversos campos do conhecimento e as artes.

Temos então, por um lado, um Lacan interessado em retirar o inconsciente do status biologizante adquirido através das correntes vigentes do freudismo e, para isso, iniciou o seu ensino se apoiando em sua herança estruturalista, buscando na linguística saussuriana as ferramentas necessárias para tentar dar uma formalização

à sua concepção de sujeito. Por outro lado, embora Lacan tenha procurado resgatar a característica de se refazer da psicanálise, buscando diálogo com outras disciplinas para fazer movimentar o campo, sua formulação de sujeito centralizada no significante foi alvo de críticas advindas do que posteriormente ficou conhecido como movimento pós-estruturalista. Como menciona Neri (2003), fazendo referência a vários autores, os principais pensadores da época (Michel Foucault, Jacques Derrida, Gilles Deleuze e Félix Guattari) colocaram as relações de poder como imprescindíveis para pensar a noção de sujeito e sexualidade, trazendo uma perspectiva desconstrutivista, dando lugar à subjetividade nos processos de produção do desejo.

A esta altura, com a publicação de *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*, o alvoroço havia sido instaurado. Dos muitos registros sobre os efeitos da circulação “deste livro-máquina”, assim entendido por seus autores, Gilles Deleuze e Félix Guattari, sabemos que o abalo causado à comunidade psicanalítica foi tão forte que esta mostrou dificuldade para digerir a aceitação da crítica deleuze-guattariana, vide a recomendação feita por Lacan para que os membros da Escola Freudiana não comentassem a obra (Dosse, 2010).

Se pudéssemos dizer em uma palavra o que *O anti-Édipo* significou para Lacan e para a psicanálise, diríamos que foi a ruptura, que durante muito tempo acabou por dificultar quem quisesse aproximar as duas posições teóricas. Mas, ainda que seja apenas uma única palavra, pensar em ruptura implica considerar os diferentes desdobramentos que ela derivou, para além das divisões. De fato, ainda nas décadas seguintes à publicação da obra, a posição de Deleuze e Guattari ainda era de confrontação, especialmente direcionada a Lacan, como podemos conferir numa entrevista concedida por Guattari à *Institut national de l'audiovisuel* [Instituto nacional do audiovisual], em 1987, onde, ao ser questionado se a obra representava uma ruptura com a ortodoxia freudiana, responde:

Sim, certamente, mas de qualquer maneira, haviam muitos outros que fizeram essa ruptura, ao mesmo tempo em que estavam dentro desta ortodoxia. Em particular Lacan e os lacanianos que fizeram uma ruptura com o freudismo. Mas eles não querem reconhecê-lo. Esse é o seu negócio! Mas a nossa foi talvez mais uma ruptura com o estruturalismo na psicanálise. [...] Ao fato de reduzir as produções do inconsciente a fatos da linguagem e reduzir a análise a um trabalho relacionado à linguagem. E, portanto, reduzi-lo a um trabalho muito ruim, porque, infelizmente, os psicanalistas estruturalistas costumam se contentar com a escuta quase sem intervir... (Guattari, 2020).

Deste excerto, podemos refletir que, a ruptura foi parte fundamental para o deslocamento contínuo, é o antídoto para a paralisação. Assim como Lacan e seus discípulos provocaram uma ruptura com o freudismo, Deleuze e Guattari fizeram o mesmo com a psicanálise. Com um certo distanciamento histórico, que hoje nos permite fazer uma leitura de *O anti-Édipo* num momento diferente daquele do lançamento, podemos enxergar as semelhanças no propósito prático que tanto Deleuze e Guattari quando Lacan tinham: dar um tranco nas leituras coaguladas da teoria freudiana.

Outra questão que podemos resgatar para fazer uma aproximação da psicanálise com a filosofia deleuze-guattariana é a própria qualidade rizomática da obra freudiana. Como aponta Leopoldo (2017), a relação do pai da psicanálise com sua obra é de constante revisão, ou seja, o processo de se dizer e desdizer é, ao mesmo tempo, o que cria contradições, mas também possibilita o escoamento das multiplicidades. Se por um lado, isso causa fissuras, dando origem, por exemplo, às vertentes homogeneizantes da psicanálise, por outro, situa a psicanálise num incessante processo de reinvenção, podendo se abrir para diferentes áreas do conhecimento que revitalizam a teoria. Podemos pensar no movimento como índice desejante de uma produção.

Em 1980, Deleuze e Guattari lançam *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2*, como aponta Dosse (2010), desta vez com um tom menos crítico e de cunho mais propositivo. Ainda segundo Dosse: “o próprio título da obra indica uma abordagem geográfica, o platô, como zona plana, horizonte indefinido, sem limites, zona intermediária, central, zona de intensidade” (2010, p. 209). Essa questão nos toca profundamente por abrir espaço para as multiplicidades. No prefácio à edição italiana, os autores revelam que, diferentemente de *O anti-Édipo*, quando tinham a ambição de acabar com o Édipo denunciando as falhas desta chave de leitura para psicanálise, *Mil platôs* é uma “teoria das multiplicidades por elas mesmas, no ponto em que o múltiplo passa ao estado de substantivo” (Deleuze; Guattari, 2011, p. 10).

Como vimos anteriormente, o envolvimento de Miller na publicação dos seminários não aconteceu por mera coincidência. À data da publicação do *Seminário XI*, a França colhia as repercussões do Maio de 68¹⁴ e, como efeito da

¹⁴ Período também fortemente marcado pelas repercussões da Guerra de Independência da Argélia, movimento do qual participaram figuras importantes para os pensamentos decoloniais, sobretudo com Frantz Fanon e Jacques Derrida.

agitação causada nesse período, trazendo muitas reformulações no campo da filosofia e da psicanálise, em 1972 *O anti-Édipo* é publicado. A obra escrita a quatro mãos por Deleuze e Guattari promove uma grande perturbação na teoria psicanalítica. Observemos que, não por acaso, o subtítulo do livro é “capitalismo e esquizofrenia”, e é porque traz uma denúncia das “presumidas insuficiências na concepção do inconsciente freudiano que não se encarrega das determinações políticas do desejo e também as limitações da teoria marxista que não levou em conta o desejo como produtor da realidade” (Warat, 1992, p. 80).

O anti-Édipo, portanto, foi um primeiro lance para a construção dos seminários, devido os resultados de sua irradiação. Neste ponto, condições que tangenciam a tradução estavam colocadas por alguns motivos: 1) a transição da fala oral para o texto escrito; 2) problemas relativos à autoria, visto que não é possível definir de forma explícita as fronteiras que indicam onde termina Lacan e onde começa Miller; 3) as normas de tradução, que estão atreladas a relações de poder, especialmente olhando para as definições de aspectos fundamentais da obra (escolhas terminológicas, ordem de publicação, tradutores etc.)

Com isso podemos desvelar algumas pistas do percurso da obra de Lacan. Primeiramente, temos um ensino marcado pelo movimento, considerando os procedimentos utilizados por Lacan em suas aulas. Em seguida, há um momento em que este movimento se detém, se considerarmos as transcrições como algo que torna a obra estável. O presente trabalho se localiza num possível “terceiro” momento — que conserva os rastros dos primeiros — em que buscamos fazer a obra se movimentar através da tradução. Convém, no entanto, fazer um alerta, pois, assim como a tradução em todo seu devir nos oferece a possibilidade de nos desviarmos da leitura canônica de uma obra, ela também já serviu como ferramenta para a domesticação da psicanálise. Basta lembrar da velha história das traduções da obra freudiana para o inglês, onde foi usada uma terminologia mais biologizante visando o ingresso na psiquiatria. Como dito anteriormente, os efeitos disso são colhidos até hoje.

Dito isso, o gesto do qual partiu Lacan para retomar a característica inicial da psicanálise — de se abrir para outros campos — tem início com a sua leitura e crítica contundente às traduções da obra freudiana que circulavam na França daquele período. Sua crítica não deixou de fora aquilo que seriam os efeitos da tradução e produziu fissuras no intento de fazer surgir algo novo.

Porge menciona que a atuação de Lacan se estendeu muito além da psicanálise, pois, como grande interlocutor que foi, esteve em contato com os mais notáveis pensadores e artistas da época e também influenciou outros intelectuais, como Michel Foucault, Jacques Derrida, Gilles Deleuze e Félix Guattari (que foi seu aluno e supervisionando).

Lacan foi, antes de tudo, um psicanalista às voltas com seus analisantes, não podemos compreender o passo (*gradus*) de sua caminhada, que prossegue por antecipações, retornos, e gira em torno de seu objeto. Dirigiu-se a muitos interlocutores fora do campo analítico; todavia, se assim o fez não foi para sair da psicanálise, mas porque considerava que ela não era extraterritorial aos diferentes campos do saber (Porge, 2006, p. 9).

Assim, para além das querelas que envolvem a psicanálise ou a teoria lacaniana e a teoria deleuze-guattariana, o que nos interessa é pensar nas interseções que permeiam os dois campos (psicanálise e filosofia/cartografia), que, por terem fronteiras flexíveis, estão localizados na dimensão do “entre” em que a tradução também se insere.

3. **ENTRE: só não repara a bagunça**

É pelos rodapés que o tradutor costuma conversar com quem é cúmplice do seu ofício. Se sobe às orelhas, aproveita para colá-las — a dele e a do leitor — ao assoalho literal da obra e dar ouvidos àquilo que houve.

Paulo Sérgio de Souza Jr., *O Incômodo*, 2021

3.1. **Não fazemos senão suscitar encontros**

A pluralidade dos discursos sobre a tradução nos dá pistas sobre o que ela oferece de mais potente: a característica multiplicativa que a permite se deslocar e entrepor entre tantos espaços distintos. Ao contrário das disciplinas fechadas, a tradução possui a vantagem de ser fluida, o que significa poder entrar pelas frestas e não ser obrigada a respeitar as entradas e saídas oficiais, principais e autorizadas, que dizem que “isso aqui lhe compete tratar; isso aqui, não”. Ela é como a erva daninha: “A erva existe exclusivamente entre os grandes espaços não cultivados. Ela preenche os vazios. Ela *cresce entre*, e no meio das outras coisas. [...] a erva é transbordamento, ela é uma lição de moral” (Miller *apud* Deleuze; Guattari, 2011, p. 40). Contudo, a grama pode ser aparada, pintada, cortada, mas também secar e morrer se não for irrigada; no caso da tradução, significa pensar que, se ela não for cultivada de modo que seja elevada em sua máxima potência, poderá fechar-se em si mesma.

Nesse sentido, para compor uma pesquisa em tradução é preciso considerar, em primeiro lugar, que, no decurso do tempo, ela esteve submetida às estruturas arborescentes das teorias — herança da leitura canônica do mapa de Holmes. Estamos falando, portanto, de tradição, ou seja, formas pré-estabelecidas de pensar, e, ainda que essas formas tenham permitido a criação de um território, a tentativa de estabilizar “a partir do ponto de vista teórico e metodológico, esse campo escorregadio, nômade e indisciplinado” (Escalante; Colares, 2022, p. 6), paralelamente impedem o seu movimento. Mas, embora o diagnóstico funesto do fim do campo não se deva singularmente a esse fato, também é um fato que, para permitir que a tradução seja transbordamento, a pesquisa “não pode seguir caminhos lineares que concebem as estruturas como árvores” (Arduini; Nergaard,

2011, p. 9, tradução nossa)¹⁵. Aqui, é necessário reiterar que o fato de que as categorias fechadas e os dualismos apresentem uma limitação até certo ponto, isso não significa que elas deixam de funcionar ou que se deva atribuir valor moral no que diz respeito à sua pertinência. Em outras palavras, não se trata de fazer reducionismos, mas de firmar o compromisso de sustentar o movimento que pensar a tradução produz, tendo no nosso horizonte as detenções, os momentos de desassossegos que às vezes nos paralisam.

Com isso em mente, podemos formular algumas perguntas: de que formas as teorias têm pensado a tradução? Ou ainda, faz sentido pensar na tradução unicamente a partir dos binarismos como, por exemplo, processo/produto? Por quais vias comumente entramos na pesquisa em tradução? Sob quais condições a interdisciplinaridade e a multidisciplinaridade são possíveis? Como é possível conseguir dar notícias da erva daninha?

Deleuze e Guattari advertem que “não é fácil perceber as coisas pelo meio, e não de cima para baixo, da esquerda para a direita ou inversamente: tentem e verão que tudo muda. Não é fácil ver a erva nas coisas e nas palavras” (2011, p. 46). Não é fácil. Para isso, é necessário lidar com as (nossas) insuficiências, com fato de que não se pode estabilizar algo que não se esgota.

Não fazemos senão suscitar encontros. Mas isso só é possível sob a condição de suportar as confluências e as dissipações. O encontro “designa um efeito, um ziguezague, algo que se passa ou que se passa entre dois como sob uma diferença de potencial [...] Encontrar é achar, capturar, é roubar, mas não há método para achar, nada além de uma longa preparação” (Deleuze; Parnet, 1998, p. 6). Consideramos a tradução como o agente potencial que permite vivenciar esse *entre*:

Entendemos a tradução como potencial zona de relação, produtora de linhas de variação, estabilização, desvio, alteração que, por não estar sujeita a uma lógica pré-estabelecida, ora nos tranquiliza, ora nos pega de surpresa. Aqui, *zona* é entendida como território, mas também como dobra que se desdobra e provoca uma certa situação de caos que nos tira dos eixos, uma *zona* (Escalante, 2023, p. 341).

É nesse território das bordas, das entrelinhas, que nos propomos a fazer um pouso no intuito de provocar o surgimento daquilo que se perdeu, por qualquer motivo que seja, e ver o que isso pode nos dizer. Quem já teve a oportunidade de

¹⁵ No original: “cannot follow linear paths that conceive of structures as trees” (Arduini; Nergarrd, 2011, p. 9).

estar comprometido com um processo de tradução provavelmente terá algo a dizer sobre os momentos de impasse e que requerem pesquisa, seja por algo que foi omitido, ou por algo que escapuliu aos olhos do autor (ou mesmo escapará aos olhos do leitor). Para exemplificar, vamos acompanhar o relato a seguir:

O Seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud. Ano de publicação no Brasil pela Editora Zahar: 1979/1986 [?]. Nas orelhas, um texto assinado por M.D.M., do qual alguns aspectos saltam à vista. Um deles destaca o importante fato de que o livro em questão se trata não do que Lacan escreveu, mas do que “se escreveu sobre sua fala a um público” (M.D.M.). O outro aspecto é um comentário de tradução, o que por si só já é uma surpresa, pois, salvos alguns casos como os em que figuras muito populares estiveram encarregadas da tradução, na maioria das vezes o tradutor não aparece num local de destaque. Foi então a partir de uma orelha rasgada de uma edição que não está mais disponível, que surge a curiosidade de pesquisar mais sobre quem é M.D.M. A consequência se reverbera na produção do presente trabalho.¹⁶

Quando nós, tradutores, nos envolvemos num processo de tradução, relatos como esse desvelam impasses, imprecisões, projetos, curiosidades, interesses etc., o que denuncia a pretensão de que um dia o texto original pudesse ter dito tudo. É o ato de despir o texto.

O “método” para lidar com a não compreensão não é o de harmonizar, especialmente não muito e não muito rápido, mas o de transportar-se para a “zona de tradução” e permanecer o máximo tempo possível nesse *in-between*, entre-dois ou mais de dois, a fim de tornar-se um intermediário um pouco melhor, um *go-between* (Cassin, 2022, p. 44).

Não se deve compreender muito rápido, diria Lacan, é necessário tempo, disposição e elaboração. Mas, para evitar cair nas arapucas do idealismo, é importante considerar as problemáticas que envolvem a disponibilidade desses recursos. Os modos de produção colonialista e capitalista, que capturam o desejo, são violentos e nos tomam justamente o tempo, a disposição e conseqüentemente a possibilidade da elaboração. Assim, estando aprisionados num sistema totalitário que assalta corpos e mentes, tudo isso é exigido duplamente, triplamente, desses corpos¹⁷, de forma interseccional. Mais ainda, corpo e mente plenos (e planos)¹⁸,

¹⁶ Os relatos deste capítulo, quando alinhados à esquerda, fazem parte do diário de pesquisa deste trabalho. São as primeiras pistas do que vai se desembocar no capítulo 4.

¹⁷ Pensando especialmente em corpos e mentes negras, mas podemos incluir também indígenas, LGBTQIAPN+ etc.

¹⁸ Cf. Corpo sem Órgãos (ou CsO), conceito desenvolvido por Deleuze e Guattari, bastante presente em *O anti-Édipo* e *Mil Platôs*: “Um corpo sem órgãos não é um corpo vazio e desprovido de órgãos [...]. O corpo sem órgãos não é um corpo morto, mas um corpo vivo, e tão vivo e tão fervilhante que ele expulsou o organismo e sua organização. [...] O corpo pleno sem órgãos é um corpo povoado de multiplicidades.” (Deleuze; Guattari, 2011, p. 55-57).

para além dos dualismos, o corpo falante¹⁹ que fala e (se) silencia. Então onde está a radicalidade de permanecer nesse *in-between*? Na micropolítica²⁰? É um caminho... O ponto é que, a nosso ver, Cassin é explícita, o *entre* não é um lugar definitivo, mas um território onde é permitido fazer um pouso por um momento e adquirir velocidade para avançar, *go-between*. Assim também dizem Deleuze e Guattari:

[...] o meio não é uma média; ao contrário, é o lugar onde as coisas adquirem velocidade. *Entre* as coisas não designa uma correlação localizável que vai de uma para outra e reciprocamente, mas uma direção perpendicular, um movimento transversal que as carrega uma e outra, riacho sem início nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio (2011, p. 48).

Pensar *entre*, portanto, não significa eximir-se de responsabilidade e comprometimento, ao contrário, como indica a polissemia do verbo entrar, trata-se de se deslocar, se intrometer, participar... Até porque muitas vezes não há outra escolha, já que os Estados-nações estão continuamente cerceando a produção do desejo e eliminando a vida.

Nesse sentido, a cartografia é uma ferramenta que nos ajuda, como diria Deleuze, a experimentar no lugar de interpretar. Entretanto é preciso dizer que não se trata só de Deleuze, colocamos esse nome por hábito, mas não queremos fazer dele um tronco²¹. Um ensaio cartográfico propõe percorrer movimento, então fazemos uma tentativa de experimentar um novo território ao mesmo tempo que o produzimos. Assim, “sendo tarefa do cartógrafo dar língua para os afetos que pedem passagem” (Rolnik, 2011, p. 23), um relato particular:

Dentre as inúmeras possibilidades que a cartografia oferece, uma delas é a abertura de um espaço que nos permita, ao mesmo tempo, trabalhar fora das do hermetismo das categorias, da árvore etc., sem deixar de estar afetados por elas. Ou seja, assumir o compromisso de trabalhar com e nas contradições, pois são partes do processo. Trata-se de acolher a não linearidade e enxergá-la não mais como impedimento, mas como escolha. Sustentar esse compromisso também admite lidar com a angústia que nos impede de prosseguir e isso requer sair do lugar em que estamos confortáveis, muito bem, obrigada. Assim, produzir um trabalho como este requereu lidar com o ziguezague da escrita, com a cada vez menos possível linearidade dos assuntos. Por mais que não seja fácil ver a erva nas coisas, foi preciso deixar se manifestar a angústia de fazer, como propõe Bedin da Costa (2014, p. 71), uma “prática de pesquisa suja”.

¹⁹ Cf. SOLER, C. O “corpo falante”.

²⁰ Cf. DELEUZE, G.; GUATTARI, F. Mil Platôs, vol. 3. Cf. GUATTARI, F.; ROLNIK, S. Micropolítica: cartografias do desejo.

²¹ Podemos encontrar cartografia com diferentes nomes (e por que não línguas?) em muitos autores que aqui nos acompanham: Ailton Krenak, Conceição Evaristo, Édouard Glissant, Lélia González, Suely Rolnik...

3.2. Complicando o universal

Vamos por partes.

Há sempre uma máquina binária que preside a distribuição dos papéis e que faz com que todas as respostas devam passar por questões pré-formadas, já que as questões são calculadas sobre as supostas respostas prováveis segundo as significações dominantes. Assim se constitui uma tal trama que tudo o que não passa pela trama não pode, materialmente, ser ouvido (Deleuze; Parnet, 1998, p. 17).

Este excerto nos ajuda a pensar sobre como as dicotomias notoriamente presentes nos Estudos da Tradução têm pautado um método universalizante de se pensar e fazer pesquisa em tradução. A máquina binária subdivide os temas em texto fonte/texto meta, original/traduzido, cultura de partida/cultura de chegada etc., dessa forma, os papéis são distribuídos num modelo que apenas considera uma opção em oposição a outra, provocando uma estabilização da reflexão sobre o fazer tradutório. A respeito disso, Gilles Jean Abes propõe a lógica do rizoma como caminho para evitar cair nas “posições binárias e hierárquicas entre autor e tradutor, original e tradução” (2018, p. 36), questões clássicas principalmente na crítica de textos literários.

A intenção aqui não consiste, no entanto, em recriar esse grande impasse da tradução, ou seja, propor uma nova dicotomia — binarismos/rizoma — para substituir os modelos vigentes, que agora seriam considerados ultrapassados. É preciso olhar com atenção para essa questão, incluir a lógica do rizoma não significa abolir as categorias fechadas, pois, quer queira quer não, elas fazem parte do nosso modo de pensar. O que estamos sugerindo é que não se trata de avaliar os dualismos como bons ou ruins, porque funcionamos e podemos fazer coisas com eles (e temos feito!).

Mais precisamente, como menciona Édouard Glissant (2021), o conceito de rizoma desenvolvido por Deleuze e Guattari critica a ideia de uma raiz única, que concentra tudo em seu eixo central e só permite crescimento através de suas ramificações, isto é, irremediavelmente filiadas à árvore principal; no entanto, o rizoma também inclui a raiz, porque ele próprio é raiz, mas de um tipo diferente:

A raiz é única, ela é um tronco que toma tudo para si, matando o que está ao redor; eles [Deleuze e Guattari] a pensam em oposição ao rizoma, que é uma raiz ramificada, distribuída em redes na terra ou no ar, sem que nenhum tronco intervenha como um predador irremediável. Assim, a noção de rizoma manteria a questão do enraizamento, mas recusa a ideia de uma raiz totalitária (Glissant, 2021, s. p.).

Vamos insistir um pouco mais no conceito de máquina presente no decorrer da obra de Deleuze e Guattari. Para eles as máquinas têm a ver com produção, tudo são máquinas, “há somente máquinas em toda parte, e sem qualquer metáfora” (2010, p. 11), que se acoplam e desconectam. Para exemplificar, no nosso caso podemos considerar que o tradutor é a máquina que traduz (ou as suas concepções de tradução seriam a máquina que diz como traduzir), e que o computador é a máquina com a qual ele faz a conexão para produzir uma tradução. Trata-se, portanto, de fluxos e cortes constantes, produção e movimento.

As máquinas desejantes são máquinas binárias, com regra binária ou regime associativo; sempre uma máquina acoplada a outra. A síntese produtiva, a produção de produção, tem uma forma conectiva: “e”, “e depois”... (Deleuze; Guattari, 2010, p. 16)

Com relação ao que nos interessa, podemos pensar que os binarismos são formas de funcionamento tidas como universais que também estão inseridas na trama que interliga os diversos modos de produção e, portanto, não se trataria de empregar uma substituição. Ou seja, é possível trabalhar com a mistura das disparidades de cunho teórico, pois, ainda segundo Deleuze e Guattari, “o que define precisamente as máquinas desejantes é o seu poder de conexão ao infinito, em todo os sentidos e em todas as direções” (2010, p. 514).

Dito isso, concordamos com Barbara Cassin a respeito da desconfiança que ela manifesta pelo universal quando diz que ele supõe um vínculo com a univocidade “fundamentada na verdade, a mesma para todos” (2022, p. 99). Em outras palavras, quando as instituições se estruturam num modelo pautado nas normatizações, elas funcionam como um aparelho de Estado²² que, embora organize as categorias, também produz lógicas pré-fabricadas que nos impedem de seguir por outros caminhos de se pensar a tradução.

Aqui é necessário separar as coisas, pois o argumento tem várias etapas. Cassin (2022, p. 98) apresenta o problema do universal fazendo referência a Hanna Arendt, que, por sua vez, relaciona o nosso sentimento de fragilidade diante da “equivocidade vacilante do mundo” com o fato de não existir uma língua única, logo,

²² O conceito de aparelho de Estado está presente ao longo dos volumes de *Mil platôs*.

não podemos ter certezas sobre a “essência das coisas”²³ e essa incerteza nos retira do suposto lugar de segurança. Dito de outra forma, por mais que desejemos muito obter a capacidade de controlar o sentido, ao sermos expostos às diferenças, ao outro, esse sentido se desvanece e isso nos desestabiliza. Agora, vale a pena pensar: uma maneira de *mobilizar* essa angústia é se abrir para essa fronteira e intercambiar, oferecer um pouco do que é meu e pegar um pouco o que é do outro.

A univocidade, então, situa-se em torno da lógica aristotélica, que tem por objetivo alcançar a característica essencial e imutável das coisas, por isso o universal precisa estar alicerçado na verdade única. Acontece que a verdade não é única e não podemos tratar com leviandade o fato de que há sempre tensões sobre qual verdade é tida como a mais digna, então é preciso inserir na equação as relações de poder e pensar com que tipo verdade estamos lidando. Seria necessário, portanto, colocá-la em perspectiva, isto é, relativizá-la.

É preciso aproximá-la do diagnóstico de Deleuze, que mede a verdade pela “importância”, pela “necessidade”, pelo “interesse” que ela apresenta; e, também, introduzir com Lacan a variedade na verdade: “abrir-se para a dimensão da verdade como *variedade* variável, ou seja daquilo que, condensando desse jeito as duas palavras, eu chamaria de *variedade*, engolindo um pequeno *e*, a *variedade*”. Medir a verdade é, talvez uma das melhores definições do relativismo (Cassin, 2022, p. 101).²⁴

É importante esclarecer que, muitas vezes, o que se entende por relativismo é uma espécie de vale-tudo. Advertida desse problema, Cassin retoma esse conceito acrescentando a ideia de “consequente”, assim, ela está estabelecendo o compromisso de sustentar que podemos trabalhar com lógicas diferentes das que estamos acostumados a operar. Podemos interpretar isso como o movimento do “pôr em relação” bermaniano, com ressalvas.

Em tempo, convém uma dose de cautela ao tratar de alteridade, pois, quando estamos falando da relação com o outro, precisamos indagar quem é esse outro, ou, de outra forma, nada muda. Esse processo precisa ter em vista o gesto decolonial.

²³ Recordando o que dissemos no tópico 1.2 do capítulo 1: Não é fácil perder as garantias de que algum dia toparemos com esse essencial.

²⁴ A autora faz também outra menção a “verdade, medida e relativismo” em um momento anterior do livro, citando Deleuze: “A tradução só se descreve corretamente no plural, e as traduções são medidas pelo interesse que representam. Gilles Deleuze abre o relativismo pondo a verdade em seu lugar: ‘As noções de importância, de necessidade, de interesse são mil vezes mais determinantes que a noção de verdade. De modo algum porque elas a substituem, mas porque medem a verdade do que digo.’” (Cassin, 2022, p. 78).

A proposta, então, é fazer um esforço de sair dos dualismos, por exemplo, tradutor/autor, e, conseqüentemente, da idealização de que há uma verdade que é a mesma para todos. Em vista disso, embora saibamos que as dicotomias continuam funcionando, a intenção de construir o território do *entre* é conseguir produzir outras lógicas que nos permitam avançar. Assim, tal como Cassin, queremos des-homogeneizar, complicar o universal.

Quando pensamos em complicar, a primeira coisa que vem à cabeça é tornar algo difícil ou complicado e, de fato, essa é uma das primeiras definições do dicionário²⁵, entretanto não se trata disso, visto que difícil e fácil são categorias estáveis, além disso, difícil ou complexo é comumente entendido como melhor, e não é isso que está em jogo aqui. Etimologicamente, o verbo “complicar” deriva do latim *complicare*, formado por: com (junto) + plicare (dobrar, curvar); poderíamos, dessa forma, pensar em dobrar, curvar o universal. Por conseguinte, a palavra “dobrar”, no dicionário²⁶, significa multiplicar; aí já está colocada a noção de estender o território, mas não o do universal, podemos imaginar uma torção, tentar sair do universal estendendo o território, multiplicando-o.

Há também uma terceira definição de complicar, no sentido de comprometer-se, que nos conduz por, pelo menos, duas vias: 1) envolver(-se) ou obrigar(-se); 2) colocar-se em uma situação arriscada. O que estamos colocando em prática aqui é esse comprometimento, esse *compromisso* com essa multiplicidade. O universal produz o um e nós vamos ampliá-lo. Está claro que esta não é uma tarefa fácil, por isso é uma questão de ordem ética. Finalmente (por enquanto), isso nos leva ao relativismo conseqüente, o momento em que reunimos esforços para assumir uma posição que nos permita avançar no pensar a tradução.

3.3. Habitar (n)a fronteira: decolonialidade e desterritorialização

A discussão sobre o relativismo que desconsidera as dissimetrias está bastante presente em autores decoloniais, justamente porque o universal que

²⁵ 1) Tornar(-se) (mais) difícil, confuso ou complexo para apreender, compreender, usar, resolver etc.; 2) Dificultar a solução de”; 3. Envolver (algo ou alguém, inclusive si mesmo) em (ger. situação difícil, embaraçosa, complicada etc.); COMPROMETER(-SE); ENREDAR(-SE). <https://aulete.com.br/complicar>.

²⁶ 1. Fazer ficar ou ficar duas vezes maior; multiplicar(-se) por dois; DUPLICAR; 2. P.ext. Aumentar muito; 3. P.ext. Tornar (algo) mais forte, mais intenso; AUMENTAR. <https://aulete.com.br/dobrar>.

conhecemos tem uma geografia, uma cor e um modo de pensamento muito bem delimitados. Trata-se de um universal construído conforme a narrativa da história e experiência eurocêntricas, ele não é imanente, é uma convenção, e o que esses autores fazem é provocar uma tensão nesse relativismo. Vejamos a citação a seguir:

Estou, portanto, propondo uma espécie de “relativismo cultural” com sua respectiva retórica do “deixe-me em paz no meu lugar”? Bom, não exatamente. Para esclarecer o que estou sugerindo, darei outro passo na gramática da decolonização e entrarei no espaço fronteiriço, que é uma exterioridade da modernidade e da pós-modernidade. Ao habitar a fronteira, nossos horizontes de expectativas e espaços de experiências já não são os das nações imperiais, embora tenhamos residência (número e rua, telefone, carteira de habilitação) em nações imperiais (Mignolo, 2010, p. 120).²⁷

Ao longo da obra de Walter Mignolo, um dos precursores do pensamento decolonial latino-americano, podemos recolher alguns conceitos que nos ajudarão a esboçar a nossa perspectiva de uma ética da relação. O espaço (ou pensamento) fronteiriço nos interessa aqui, em especial, porque dialoga justamente com a necessidade pensarmos na dimensão do *entre* para provocar uma tensão nas lógicas universais produzidas pelo colonialismo. O pensamento em fronteira apresentado por Mignolo (2003) é inaugurado pela necessidade de deslocar as posições hegemônicas que transmitem o conhecimento e o modo de vida supostamente universais e igualitários, mas que, na verdade, são ideais excludentes e que invisibilizam as histórias, epistemologias, cosmovisões, necessidades etc. dos diferentes povos, assim os subalternizando. A visão colonial, dessa forma, tende a homogeneizar as experiências plurais sob a máscara de uma modernidade que projeta um discurso evolutivo, ou seja, os colonizadores vieram de um percurso linear de progresso e seguem caminhando rumo a um futuro no qual o avanço é um processo natural e esperado. Habitar, permanecer (n)a fronteira é, portanto, “a coluna vertebral da opção decolonial” (Mignolo, 2015, p. 379).

Tão caro é o conceito de fronteira para a filosofia (e para a tradução), especialmente se o aproximarmos do pensamento de Deleuze, que nos ajuda a expandir sua definição ao questionar um certo estatuto de imutabilidade sustentado pela filosofia ocidental. O préstimo do conceito tomado da geografia exemplifica

²⁷ No original: “¿Estoy por lo tanto proponiendo una suerte de “relativismo cultural” con su respectiva retórica del “déjame tranquilo en mi lugar”? Bueno, no exactamente. Para clarificar lo que estoy sugiriendo daré otro paso en la gramática de la decolonización y entraré en el espacio fronterizo, el cual es una exterioridad de la modernidad y la postmodernidad. Al habitar la frontera, nuestros horizontes de expectativas y espacios de experiencias ya no son los de las naciones imperiales, aunque tengamos domicilio (número y calle, teléfono, carnet de conducir) en naciones imperiales.” (Mignolo, 2010, p. 120.)

muito bem o grau de importância dado por Deleuze a uma maneira de pensar que privilegie o olhar para o movimento, as circunstâncias dos acontecimentos e a imprevisibilidade inerente à natureza, mais do que uma concepção histórica linear: “Escreve-se a história, mas ela sempre foi escrita do ponto de vista dos sedentários, e em nome de um aparelho unitário de Estado, pelo menos possível, inclusive quando se falava dos nômades” (Deleuze; Guattari, 2011, p. 46).

Neste ponto, as pistas de onde queremos chegar vão ficando mais claras. Estamos falando aqui de traçar um *território* onde seja possível trabalhar com a multiplicidade; não se trata, porém, de um lugar fixo, mas de um que se constitui de acordo com a necessidade (ou desejo? Mas qual desejo? Devastador ou de vida?). Trata-se do princípio territorial do nômade, que embora ocupe, habite e mantenha um espaço, ele está sempre pronto para partir (Deleuze; Guattari, 2012b, p. 56). Dito de outra forma, não é necessariamente o movimento que caracteriza o nômade, na verdade, ele se movimenta porque precisa, e não porque é da sua natureza. Ele busca um território, mas está sempre preparado para se desterritorializar e se reterritorializar novamente, quantas vezes for necessário; os movimentos desse ritornelo estão comprometidos com o desejo de vida. A proposta, portanto, é habitar, ocupar *erraticamente* um espaço que nos permita pousar por um momento, estar nele, pensar a partir dele e partir dele.

Contudo, podemos pensar com Glissant que o nomadismo não é garantia de potencialização de vida, pois vimos com a história, especialmente lembrando das navegações, que o objetivo era a expansão, só que essa expansão dizimou (ou tentou dizimar, porque *onde há opressão, há resistência*) vários povos. Os grandes impérios europeus progrediram, segundo dizem, mas às expensas da exploração e devastação de territórios, sejam eles físicos e/ou simbólicos. Em vista disso, Glissant (2021) nos oferta as seguintes possibilidades de nomadismo: o circular, que “é uma forma não intolerante ao sedentarismo impossível” (s. p.), e o nomadismo em flecha, que “é um desejo devastador de sedentarismo” (s. p.). O nomadismo em flecha dos grandes impérios, portanto, não nos interessa; parece-nos mais interessante a via de um nomadismo circular, esse movimento que não exaure o meio, se utiliza daquilo que precisa, mas não mata o solo nem a raiz também porque sabe que nele há vida.

Como vimos anteriormente com Glissant, o rizoma é também um tipo de raiz, que, embora não totalitária, não exclui a questão do enraizamento. Assim,

parece que a relação com o território não implica necessariamente um descolamento com a terra, mesmo no nomadismo circular, onde se resiste ao sedentarismo. Esse enraizamento não está fincado na identidade, que, por sua vez, na poética da Relação glissantiana, “se desdobra numa relação com o Outro” (Glissant, 2021, s. p.).

Sendo princípios do rizoma a conexão e a heterogeneidade, “qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo” (Deleuze; Guattari, 2011, p. 22). Nesse sentido, se pensarmos de forma rizomática, tudo está conectado, inclusive nós, inclusive com a terra. Vimos que nomadizar não significa cortar a raiz, mas multiplicá-la e ser multiplicada, pois ela (a raiz rizomática) não é sempre a mesma. Parece abstrato, mas é radicalmente real, como, a nosso ver, é expresso por Ailton Krenak:

A ideia de nós, os humanos, nos descolarmos da terra, vivendo numa abstração civilizatória é absurda. Ela suprime a diversidade, nega a pluralidade das formas de vida, existência de hábitos. Oferece o mesmo cardápio, o mesmo figurino e, se possível, a mesma língua para todo mundo (Krenak, 2019, pp. 21-23).

A relação civilizatória com a terra constitui um desenraizamento devastador, que corta a Relação²⁸ com a terra, corta a pluralidade, não permite a existência de várias línguas, não permite as diferenças. Não há diferença, portanto, não há direito à opacidade. Seria uma lógica mais ou menos assim: “quero te conhecer, mas não te reconhecer, pois, se te compreendo é no intento de te dominar”²⁹.

Para mudar um pouco a metáfora, vamos trocar a terra pelo ar. Ailton Krenak nos inspira a criar paraquedas coloridos como uma metáfora para inventar novas formas de adiar a queda, a saber, o fim do mundo. Em 2018, quando perguntado numa conferência sobre como os povos indígenas sobreviveriam ao governo bolsonarista, Krenak responde que eles já vêm resistindo há mais de 500 anos a toda tentativa de devastação e dizimação, e se resistem é porque produzem devires: “A gente resistiu expandindo a nossa subjetividade, não aceitando essa ideia de que nós somos todos iguais” (2019, p. 31).

²⁸ Pensando na Relação glissantiana, o homem branco europeu colonizador não mantém relação múltipla e conectada com a terra, por tanto, não tem Relação com ela, diferentemente do modo como os povos originários se relacionam com a terra, eles sim produzem Relação.

²⁹ A ideia é mais ou menos assim: numa análise psicanalítica, no nosso entender, as ações do outro não são, primariamente, o que interessa, mas o que e como somos afetados nessas experiências, como se reage à angústia de não saber, com a efemeridade da vida, com o (não) controle. Desse modo, posso reconhecer a sua existência e conviver com ela, mas não preciso conhecê-lo, e sim coexistir.

A ideia de estabilidade contida na identidade, na busca por algo que resista à inconstância e variedade da vida nos dá a sensação de conforto, mas esse conforto nos conforma; é necessário enaltecer a coexistência da diferença. Uma reflexão que almeje tratar a diferença como parte fundamental da mudança precisa se localizar na fronteira, pois é nela que a diferença se manifesta e onde o esforço para lidar com ela é colocado à prova a cada instante. E não nos deixemos enganar pela pegadinha que a palavra “localizar” pode induzir, porque aqui localizar não tem a ver com a afirmação num lugar, já que a própria fronteira pode ser movimentada. A metáfora do rio pode nos ajudar a entender melhor sobre como a fronteira é o espaço potencial de transformação:

A fronteira, metaforicamente, se apresenta como um rio em fluxo constante que nunca é o mesmo, está sempre em transformação. E, aquele que se adentra a esse rio e passa por um processo de subjetivação, quando sai dele nunca retorna como o mesmo, pois é na diferença que nos reconhecemos e também conhecemos o outro (Resende, 2019, p. 174).

Outra forma de pensar sobre o potencial criador de tudo isso que estamos confluindo e anexando ao conceito do *entre* também pode ser associado, como nos ensina Luiz Rufino, a Exu, guardião das *encruzilhadas*, entidade dos movimentos, da ação, mudança, energia das trocas, “que transgride os limites de um mundo balizado em dicotomias” (2019 *apud* Soler; Vaz; Fidryszewski, 2023, p. 52).

Praticar a encruzilhada nos aponta como caminho possível a exploração das fronteiras, aquelas que, embora tenham sido construídas *a priori* para cindir o mundo, nos revelam a trama complexa que o codifica. [...] A perspectiva analítica lançada pelo conceito de encruzilhadas me possibilita escarafunchar as frestas, esquinas, dobras, interstícios, cantar as impurezas, a desordem e o caos próprios das estripulias-efeitos elegbarianos (Rufino, 2019, pp. 41-42).

Eis que, em seu projeto intelectual de difundir a tradução como ferramenta para pensar o mundo e complicar o universal, Barbara Cassin organiza e edita o *Dicionário do intraduzíveis*, trabalho de fôlego que mobiliza uma quantidade extraordinária de tradutores pelo mundo. Publicado em 2004 na França, não demorou até ser expandido em um empreendimento internacional e conta com traduções (e adaptações) de termos filosóficos em diversas línguas. Esse dispositivo (como a autora denomina a partir de uma concepção foucaultiana) revela “a verdadeira novidade [...], muito mais precisa e saudável que qualquer paralelo entre as línguas que comparasse algo como o seu gênio” (Cassin, 2022, p. 78):

É preciso ver uma língua, e sua própria língua, de outro lugar para entender o que é uma língua, para recolocá-la em jogo de uma forma que não seja como *logos*, universal, natural, maternal, e assim reterritorializar a linguagem em uma língua entre outras. Nem *globish* nem nacionalismo ontológico: o que resta é a desterritorialização (idem, p. 79).

É fundamental destacar: nem língua global nem a minha língua, o que resta é a desterritorialização. A língua não é um amontoado de palavras, é uma vida que sofre o imperativo do *logos* universal que diz que as coisas são o que são, e ela precisa se movimentar para não ser capturada por ele. Que língua estou falando para expressar o que quero dizer? A minha língua? A língua do outro? Esse *logos* coloniza os nossos corpos para não conseguirmos dizer na nossa própria língua aquilo que precisamos dizer. É nesse ritornelo da territorialização, desterritorialização e reterritorialização que contrabalanceamos a ideia de Estado-nação.

Como fazemos isso? Como saímos desse *logos*? A pluralidade das línguas é uma condição, mas a relação entre elas é viabilizada pela tradução. Aí está uma ideia muito mais ampla de tradução. Quando traduzimos, pensamos traduções e tentamos nos traduzir, a tradução se torna uma forma de estar no mundo e nessa forma de estar no mundo existe um potencial de desterritorialização. Já não é possível pensar nisso sob uma visão monolíngue e monologizante. Nesse sentido, com o *Dicionário dos intraduzíveis*, o próprio gesto de incluir “todas as notas de rodapé e entre parênteses em pleno texto — ou em plano texto —, todas as N. do T. transformadas em texto” (Cassin, 2022, p. 24) é um ato de disputar esse território como campo do saber.

Quando Lacan percebe que a linguística sozinha não daria conta de se ocupar do seu objeto, ele procura em outros lugares, começa a inventar, produzir neologismos, trabalhar com homofonias, brincar com os títulos, em suma, equivocar. É impressionante porque, paralelamente, o seu ensino estava repleto de diversos préstimos, como a matemática, por exemplo, e à medida que ele avançava nas abstrações, quanto mais complexo se tornava o estudo, era na fala ele que produzia os equívocos o tempo todo. Isso é um trabalho de desterritorialização e a tradução tem potencial para recuperar esse equívoco que ficou perdido no estabelecimento dos textos. Mas estamos advertidos de que esse processo não implica resolver em definitiva a questão da estabilização; nessa altura, após termos sofrido os efeitos da desterritorialização, já apostamos que isso tornará acontecer.

Digamos que a questão da desterritorialização e o potencial de desterritorialização que a tradução não modelizante possibilita para quem se prestar a ouvir, nas orelhas, nos conduz a uma força que, se comparada com homens brancos europeus, não é precisamente o que tem aparecido nas páginas que contam a história da psicanálise traduzida por estas bandas, trata-se de Lélia Gonzalez.

Agora parece que nos aproximamos ao título desta pesquisa. Afinal, se a psicanálise lacaniana se traduz em português, podemos pensá-la desterritorializada no português que Lélia Gonzalez faz falar. Com a sua descoberta, ela está trazendo para o centro do debate (se é que havia um antes disso) que há um discurso colonial e, por consequência, racista e genocida que sustenta que o português falado por um setor significativo da população brasileira é errado e constantemente marginalizado. Esse português preto, dentre outros, porque “língua é mais que sangue”, interpela o universal e foge à norma padrão e universal de falar a língua, e descortinar essa problemática produz uma série de questões que foram possíveis pensar a partir de um território em devir, especificamente a **América Ladina**. É de uma potência enorme. Trata-se da prática da encruzilha, da forma de ação, da política. Uma política que, por sua vez, pratica uma ética, uma estética... Se a população está criando para si um outro território linguístico dentro do universal, uma máquina de guerra contra a ameaça do Estado-nação racista, isso tem potencial de organização e conseqüentemente apresenta um perigo para o projeto colonial de captura epistêmica. Ou seja, não se pode simplesmente deixar essa língua, essa cultura, crescer e se espalhar, é preciso sufocá-la e estigmatizá-la: “Era como se não bastasse dizimar a carne sem, antes, ter garroteado bem o espírito. Língua é mais que sangue” (Souza Jr., 2021, pp. 53 e 58).

4. PISTAS DO MOVIMENTO LACANIANO NO BRASIL: LACAN ENTRE LÍNGUAS, E A AMÉFRICA-LADINA

“E o risco que assumimos aqui é o do ato de falar
com todas as implicações.”
Lélia Gonzalez, 1984, p. 225

Não basta “pôr em relação”, é preciso fazer essa tentativa falar numa escrita relato, relação como relatar. E como relatar? Nos deixamos conduzir ao que foi a virada, encruzilhada que permite arriscar o risco que traça o relato do que não foi (pre)visto.

A partir daqui, inicia-se não somente um novo capítulo do trabalho mas também o relato de um capítulo de outras histórias que ocorreram em diferentes territórios e períodos que se entrelaçam. Veremos que este relato nos levará a vários desdobramentos, que, no desfazer das dobras, se multiplicaram e explodiram em linhas molares, moleculares e até mesmo de fuga (Deleuze; Guattari, 2012a).

A partir daqui, o relato será em primeira pessoa por um motivo muito simples, uma questão de método. O que quero dizer com isso? Que se trata de um relato de experiência experimentada por mim no decorrer desta pesquisa, portanto a mudança de registro é um recurso que performa o movimento, “afetando e sendo afetada por aquilo que cartografo” (Bedin da Costa, 2017, p. 67).

A partir daqui, neste território, tomo a liberdade de escrever no corpo do texto o que antes me ative a escrever no espaço destinado apenas às notas e citações — que podem ser conferidas nos relatos no capítulo 3. Agora elas serão o próprio texto.

Evoco o poema de Gabriel Nascimento (2019, p. 9334) para iniciar o meu relato:

Eu não falo aqui a minha língua
Eu falo a língua que me deram
Mas essa língua é minha agora
Da forma que eu sei falar

Para performar o que quero dizer e me valer alguns recursos gráficos como fotografias, mudanças de tamanho, disposição de fontes etc.

Vamos ao relato

Quando iniciei esta pesquisa, o objetivo era fazer uma análise da recepção da obra de Jacques Lacan no Brasil a partir dos paratextos editoriais, especificamente os de tradução. Já no nome do anteprojeto enviado para o processo seletivo do programa de mestrado, a ideia de movimento estava anunciada no título: “A trajetória do ensino de Lacan no Brasil pela lente da tradução a partir da análise de paratextos”. Eu só não tinha percebido. A justificativa se baseava na importância da obra lacaniana e o que poderíamos encontrar nas traduções que nos daria algum vislumbre dos seus efeitos silenciosos na psicanálise em solo brasileiro.

Há vários momentos que poderiam ser apontados como origem da ideia deste trabalho, todos eles convergem num lugar em comum, o grupo de pesquisa Tradução e Psicanálise³⁰. Mas talvez seja necessário recuar alguns passos, não vamos pular etapas — digo isso mais para mim do que para vocês. Antes de um grupo de pesquisa, éramos um grupo de estudos, ainda na graduação em Letras – Tradução Espanhol na Universidade de Brasília, em 2015. De lá pra cá, várias pessoas fizeram parte dele a fim de reunir reflexões sobre tradução e psicanálise num diálogo transdisciplinar. E desses encontros não faltou pôr a mão na massa, foram realizados diversos trabalhos que incluem projetos de iniciação científica (PIBIC), trabalhos de conclusão de curso, artigos para revistas e apresentações em congressos e conferências. Dentre algumas traduções realizadas pelo grupo estão *O Grafo do Desejo*, *A Origem do Sujeito em Psicanálise*, *Outro Lacan*, todos do psicanalista argentino Alfredo Eidelsztein, e o mais recente, em fase de publicação, *O que faz um psicanalista?*, do também psicanalista argentino, Bruno Bonoris. Além disso, traduzimos e escrevemos artigos para APOLa – Apertura para Outro Lacan, uma sociedade internacional de psicanálise.

Em 2021, o grupo foi oficialmente registrado no Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil, na plataforma CNPq, e apresentado publicamente na palestra “Práticas de escuta, práticas de escrita”, no evento de comemoração de dez anos do

³⁰ Endereço para acesso ao espelho CNPQ: dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/0991635190935929. As atividades do grupo podem ser encontradas no seguinte link: <https://linktr.ee/traducaoepsicanalise>.

POSTRAD. Nesse mesmo ano, foi inaugurado o nosso grupo de leitura, cuja atividade inicial foi a leitura e discussão da nova tradução do ensaio *Das Unheimliche*, escrito por Freud em 1919 e traduzido Paulo Sérgio de Souza Jr., membro do grupo. No ensaio “Devir-tradução: Prolegômenos para uma ética da tradução”, escrito por Alba Escalante (no prelo), é possível encontrar pistas de como a tradução, ali naqueles encontros, “provocou não poucos incômodos”.

Seja nas reuniões do grupo de leitura ou nas reuniões da tradução em finalização do livro *Outro Lacan*, estávamos naquele momento em uma fase de reorganização dos nossos projetos. Em meio a essa circulação interna e externa de ideias, retomei as pesquisas sobre os seminários de Lacan, iniciadas pelo grupo na graduação, com uma considerável quantidade de dados sistematizados em tabelas. Foi aí que surgiu a ideia de alimentar o site do grupo com um “catálogo” (que atualmente se encontra fora do ar) dos seminários, na intenção de transformar as tabelas em algo que não fossem apenas dados, mas um conjunto de referências para pesquisas futuras sobre as suas traduções. O roteiro estava aí... Paratextos, catálogos, justificar a tradução como campo. Um percurso esperado... Tentava domesticar o nosso objeto ao melhor estilo da ciência régia³¹.

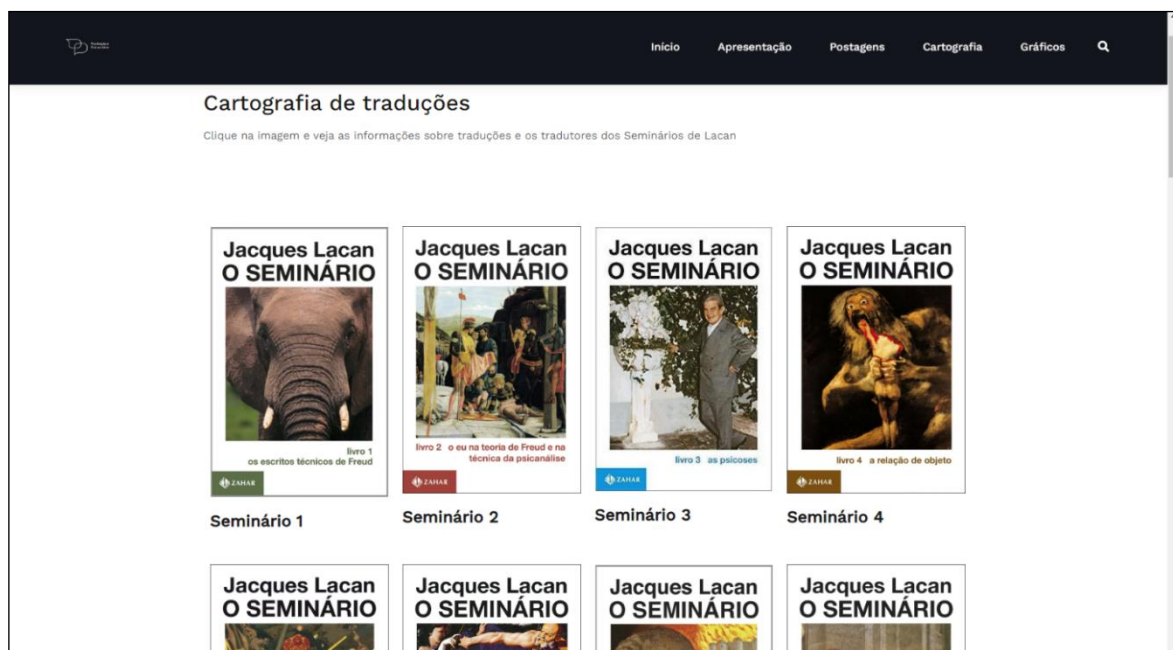


Figura 1 - Captura de tela do site Tradução e Psicanálise

³¹ Cf. “Tratado de Nomadologia: a máquina de guerra” em *Mil platôs*, vol. 5.

As rachaduras começaram a surgir no processo de transposição dos paratextos para o site. O primeiro vestígio de que havia algo que valeria a pena investigar apareceu com o cruzamento dos dados no processo de transcrição e revisão dos paratextos, revelando algumas incongruências, uma vez que as informações que constavam nas tabelas que serviram de fonte não coincidiam. Como a confusão só aumentava, decidi abandonar as tabelas e ir direto nas fontes, ou seja, procurar diretamente nos livros (primeiramente digitalizados) e colocar as

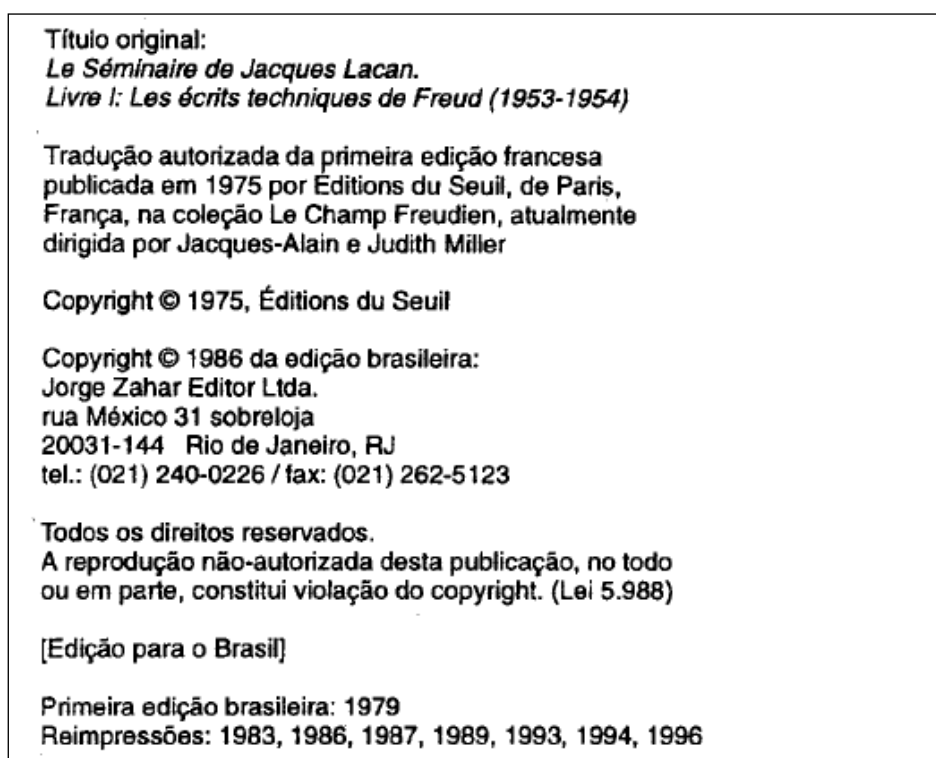


Figura 2 – Ficha catalográfica do Seminário 1 em PDF

informações diretamente no site. Foi então que eu percebi que a confusão aconteceu em parte porque os dados das próprias fichas catalográficas eram confusos. Por exemplo, no Seminário 1, como veremos na figura abaixo, constava que a data da primeira edição brasileira era de 1979, porém, o copyright era de 1986, ou seja, sete anos depois. A princípio, pensei que a causa do problema era porque os arquivos aos quais eu tinha acesso eram digitalizações em PDF não oficiais.

Outra questão que me chamou atenção foram as lacunas na ordem de publicação, visto que os seminários 9, 12, 13, 21, 22, 24, 25 e 26 ainda não foram publicados em francês e, conseqüentemente, não foram traduzidos para o

português. Na figura a seguir, mostro todos os seminários traduzidos até o momento.³²



Figura 3 – Capas dos seminários traduzidos

Nas próximas figuras, apresento os seminários dispostos, respectivamente, em ordem cronológica e ordem de publicação (as traduções seguem a mesma ordem). Vejam que na primeira figura, existem várias lacunas. Já a segunda imagem abre muitos questionamentos sobre a leitura que se faz do ensino de Lacan. Qual seria a justificativa de publicar, por exemplo, o Seminário 23 (2007) antes do Seminário 6 (2016), do mais antigo para o mais novo, com uma diferença de nove anos? Como tradutores, esse é um dos pontos que olhamos.



Figura 4 – Seminários em ordem cronológica

³² Recentemente o seminário 14 foi traduzido para o português como *A lógica do fantasma*. Até a defesa desta dissertação não havia sido publicado.



Figura 5 – Seminários em ordem de publicação

Como foi dito no item 2.1 do capítulo 2, certamente há todo um capítulo não falado, como uma espécie de código secreto de normas que define o que se publica, quando e como. Não tenho resposta para isso, mas considero mais importante as perguntas que devem ser feitas sobre essas leituras. Como opera essa política na construção de uma tradição de leitura? Parece haver uma política de tradução críptica e a legislação não pode ser críptica. Isto é, o leitor precisa estar advertido da política de tradução adotada. Não há uma lei clara. Mais ainda, há um problema na tradução e é nela que vou revelar esses problemas.

Para quem quiser ouvir

Retomando a pergunta no início do capítulo 1: com o que se conectaram os elementos dessa pesquisa? E como se conectaram? Antes de qualquer coisa, essas conexões, relações, só foram possíveis, porque formamos alianças. E foi nessa *conjunção* que chegaram às minhas mãos a doação de uma coleção de livros físicos

quase completa dos seminários traduzidos. São volumes que levam as marcas, rabiscos, anotações de uma avó que tinha um vínculo com a psicanálise e de quem a neta herdou a coleção não só de seminários, como também *Escritos*, *Outros Escritos*, recortes de jornais... Sem eles este trabalho não teria tomado o rumo que tomou.

Esses livros exibem os traços de alguém que, ao que parece, conversou bastante com Lacan através das leituras e das anotações. Na minha vez de tentar conversar com o exemplar do *Seminário 1*, em busca de alguma informação que me ajudasse a entender o problema com a identificação das datas, me deparei com o texto de M.D.M. nas orelhas rotas e que por pouco não haviam se soltado. A seguir, estão algumas passagens que considero interessantes desse texto:

✚ “Com a publicação de *O Seminário*, **que com esse volume iniciamos**, o que se põe à disposição do público de língua portuguesa **não é o que Lacan escreve — mas o que se escreveu sobre sua fala a um público**, especializado de começo e pouco a pouco generalizado, se não tornado massa (os itálicos são do original e os negritos são meus).”

Quero destacar duas coisas neste fragmento: a primeira é que ele me deu alguma noção da ordem de publicação; a segunda é que considero que o comentário é muito preciso sobre o que são os seminários e muitas vezes é esquecido, que é justamente o fato de que os livros passaram por vários processos de edição para chegar às mãos dos leitores e isso tem implicações. Correndo o risco de parecer redundante, digo que quem já teve a oportunidade de ler essas traduções (eu incluída) sente os efeitos de todos esses processos, mesmo sem saber, notar ou se importar com o fato de que se trata de um estabelecimento e uma tradução. Assim, entendo que, ao trazer essas questões, M.D.M. está fazendo um aceno para advertir o leitor inserindo um questionamento sobre o projeto de leitura da obra (e por que não de tradução?).

✚ “Daí, também que a *tradução* tem que ser traição — porque é reescrita. E esta *versão brasileira* sofre do que sofre todo *sentido*: de não ser mais que traição tradutora — mas que porta a palavra, assim mesmo” (os itálicos são do original).

A meu ver, esse comentário é uma segunda menção sobre o que os tradutores pensam a respeito do projeto de tradução dos seminários. Ele anuncia que não há nenhum tipo de apego à fidelidade por parte dos tradutores, M.D.M. parece estar nos informando que a sua tradução é apenas *uma* leitura e colocar isso em questão poderia ser visto como uma afronta a um provável projeto de leitura maior inaugurado com o estabelecimento de Miller.

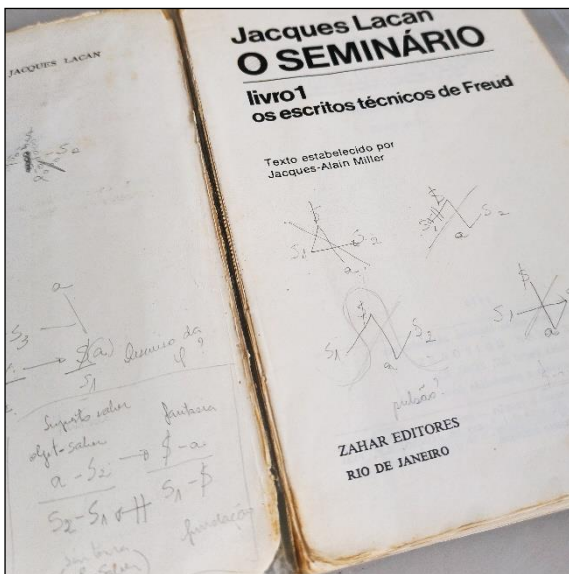


Figura 6 - Folha de rosto do Seminário 1



Figura 7 - Capa e orelha do Seminário 1

Nas orelhas rasgadas, M.D.M. falou para quem quisesse ouvir (e não rasgar as orelhas), sem pretensão de querer dizer o que Lacan supostamente disse ou sequer determinar um tipo de leitura. Como eu estava “sensível à conexão do conteúdo” (Deleuze; Guattari, 2012b, p. 37), me prestei a ouvir. Ao longo dos anos essas orelhas foram cortadas e o texto do tradutor silenciado. Quanto a essa edição que está em minha posse, parou de ser publicada, as novas levam apenas os títulos dos seminários.

Mas não era isso que me interessava, só não sabia exatamente o que viria e mesmo sem saber, sustentei esse incômodo e tentei avançar e encontrar algo de intuitivo nesse percurso.

Território ampliado

Instigada pelos rastros deixados nos paratextos, parti em busca dos outros volumes na esperança de encontrar mais pistas, então organizei os seminários por ordem de publicação e comecei a conferir um por um. Dessa organização, resultou que os três primeiros seminários publicados — 1, 11 e 20 — foram traduzidos pela mesma dupla. Eram Betty Milan e Magno Machado Dias (M.D.M. ou M.D. Magno)³³, ambos psicanalistas do Colégio Freudiano do Rio de Janeiro, nome que estava estampado no verso das folhas de rosto. Betty Milan traduziu o Seminário 1, e M.D. Magno, os seminários 11 e 20.

Assim, o que vou relatar agora faz parte de um segundo momento da pesquisa. Num certo momento, garantindo os meus últimos créditos exigidos pelo programa de mestrado, já me aproximando da qualificação, participei do Seminário Avançado em Tradução. Ali trabalhamos com o “Tratado de Nomadologia”³⁴, texto que não havia sido contemplado pela bibliografia, mas foi o que mais enriqueceu as nossas discussões.³⁵ Então, nesse segundo momento, depois de ser atravessada pelo *tratado*, nomadizando, tinha deixado para trás a ciência régia, que mede o espaço para ocupar. Sem medida, fui me autorizando a ocupar o espaço, estava na encruzilhada. Nesse momento eu vou deixando me afetar pelo que eu estou vendo... Não se trata apenas de uma observação de dados, mas de tocar, cheirar, usar os outros sentidos também. Então me propus a sair da ordem de leitura prévia, o meu “objeto” de pesquisa se transformou, foi subjetivado por mim. Passei a perceber e produzir a partir das frestas, das fissuras, me permitindo olhar para as dobras. A partir daqui segui apenas com os três primeiros seminários por fazerem parte do mesmo conjunto e projeto de tradução e pelos desdobramentos a seguir descritos.

Ao invés de encontrar respostas, encontrei mais perguntas: por que eles só participaram das primeiras três traduções? Por que os o texto de M.D. Magno (ou de qualquer outra pessoa) já não figuram mais nas orelhas dos outros volumes?

Até então, a busca pelos paratextos estava restrita apenas aos peritextos, foi seguindo o aceno dos tradutores que ampliei o território de pesquisa e passei a

³³ Mistério revelado. Para os que estão familiarizados com Magno, nenhuma surpresa. Para os desavisados, assim como eu, agora sabem que se trata de Magno Machado Dias.

³⁴ Cf. nota 31.

³⁵ Este relato também aparece em nota no artigo “Devir-tradução: Prolegómenos para uma ética da tradução”, escrito por Alba Escalante, em vias de publicação.

pesquisar nos epítextos. Foi assim que encontrei o site de Betty Milan, que por sinal, já era do meu conhecimento, pois no início do projeto de cartografia no site do grupo de pesquisa, foi uma das primeiras minibiografias que coloquei lá. O site da psicanalista é uma fonte muito rica, com um grande acervo de entrevistas, recortes de jornais, livros, artigos, fotografias, entre outras coisas.

Da busca realizada pelos vários *hyperlinks*, encontrei dois links especialmente relevantes para o que eu queria saber. O primeiro, abre uma página com o título “Difusão da psicanálise lacaniana no Brasil”³⁶, com uma entrevista dada à TV francesa por Betty Milan. Falarei do segundo link no tópico seguinte.

Pelos relatos de Betty Milan (1994)³⁷, o clima na recepção da psicanálise lacaniana no Brasil era de muita expectativa por causa dos desdobramentos do Maio de 68. A intelectualidade paulista da qual a psicanalista fazia parte, certo dia estava reunida num encontro informal que esperava aprender com os franceses algo que os orientasse na luta contra a ditadura militar. Ao que parece, Lacan entra de forma infiltrada nesse grupo através de um psicanalista francês que, ao invés de falar do Maio de 68, como era o esperado, falou muito sobre Lacan, o que “despertou a curiosidade dos que se interessavam pela psicanálise”. Rapidamente, aparentemente, um grupo de aderentes do ensino de Lacan foi formado e os trabalhos de Lacan começaram a ser estudados através da tradução: “Havia cinco psicanalistas e uma filósofa, Marilena Chauí, que nos auxiliava a traduzir e a decifrar o texto [*Escritos, A carta roubada*], coisa em que tínhamos o maior empenho”. O pensamento de Lacan foi rapidamente adotado, segundo Betty Milan, porque “representava o pensamento francês, tradicionalmente valorizado em São Paulo”; e também porque “o Brasil institucional, o Brasil dos golpistas, nos dispunha a aceitar o que chegasse do exterior e tivesse a marca do antiautoritarismo”.

No início da década 1970, Lacan estava no décimo sétimo seminário, portanto, na França já havia pelo menos dezessete anos do seu ensino. Já no Brasil, segundo conta Betty Milan, nessa altura tudo ainda era muito novo, então os analistas que até então eram kleinianos precisaram se reorientar para aprender as técnicas da interpretação lacaniana. Nesse cenário, foi necessário que se submetessem à nova análise e em 1973 Betty Milan iniciou sua análise com Lacan.

³⁶ Disponível em: <https://www.bettymilan.com.br/difusao-da-psicanalise-lacaniana-no-brasil/>.

³⁷ Todas as informações e citações desse tópico podem ser encontradas no site de Betty Milan. Para facilitar a leitura, a partir desta nota todas as aspas não terão indicação de referência, exceto nos casos em que as fontes sejam diferentes.

Na França ela conheceu M.D. Magno, que também fez análise com Lacan. Os dois se tornaram amigos e em 1975, com a aprovação de Lacan, fundaram o Colégio Freudiano do Rio de Janeiro num bar em Paris.

O Colégio Freudiano foi a primeira entidade lacanianiana do Brasil e de onde derivaram os três primeiros seminários traduzidos. O colégio teve muita importância no movimento do lacanismo no Brasil, não só pelas traduções, mas também pelo que aparentemente era o projeto de difusão de uma psicanálise que fosse tipicamente brasileira, encabeçado por Milan e Magno. Nas declarações dos fundadores, algo que sempre se repete nos discursos é a necessidade da inserção dos ritmos, da cultura, das especificidades “que a diferenciava [a cultura brasileira] da cultura europeia e das outras culturas latino-americanas”.

Pelos indícios, a postura de ambos tinha um caráter avesso à institucionalização e consequentemente à uma formalização baseada em títulos e categorias hierárquicas, ou seja, a formação do analista não poderia vir de um diploma, mas de um



Figura 8 - Matéria no Jornal do Brasil, 1980.

trabalho com as próprias formações do inconsciente. Isso não significa dizer que o analista pudesse ser iletrado, poderia ter formação em medicina e não ser analista, assim como poderia ter formação em Letras e ser analista. Essas ideias podem ser encontradas na matéria “Lacanianos brasileiros ‘bendizem’ a dissolução³⁸, publicada no Jornal do Brasil em fevereiro de 1980.

Quanto às traduções, gostaria de fazer uma menção alguns elementos que considero relevantes.

1) Betty Milan e M.D. Magno traduziram os seminários em contato direto com Lacan e os comentários foram submetidos a sua aprovação. Através das notas é

³⁸ Disponível em: <https://www.bettymilan.com.br/lacanianos-brasileiros-bendizem-a-dissolucao/>.

possível ver que Lacan esteve envolvido pessoalmente na criação em português de termos importantes de sua teoria (*Isso, moi, ça...*).

2) No texto “AINDA”, apresentado por M.D. Magno na comemoração dos *Vinte Anos do Colégio Freudiano do Rio de Janeiro* em 1995, ele comenta: “Fui o primeiro a traduzir um Seminário de Lacan para a língua portuguesa (a tradução de Betty Milan foi publicada primeiro porque assim foi combinado com Jacques-Alain Miller)” (M.D. Magno, 1995, p. 3).

A fissura?

Retomando o percurso pelo site, decidi explorar a aba da página de fotografias. Dentro da página, havia três links com os seguintes títulos: *amigos e entrevistados*, *fotos de família* e *fotos para divulgação da obra*. Como pesquisadora, a minha função era abrir todas as páginas e assim o fiz, mas o que me interessava de verdade, pensava, estava na página de fotos de amigos e entrevistados. Dentre os vários links disponíveis, foram especificamente uma fotografia e uma legenda que me deslocaram, abrindo uma nova fissura no meu território de pesquisa:



Magno Machado Dias

Psicanalista

*ele é ótimo – nós talvez sejamos os únicos dois psi que fundaram juntos uma instituição e depois se separaram sem brigar
talvez porque tanto ele quanto eu sejamos maneiros,
cidadãos da **América Ladina – conceito que inventamos nos anos 1980***³⁹

Pois é, foi investigando trajetória do ensino de Lacan no Brasil, me deparei com o termo *América Ladina*. Embora eu já estivesse superficialmente familiarizada com esse conceito, especialmente através dos meus estudos pessoais sobre raça em uma menção ou outra sobre Lélia Gonzalez, para mim, esse vínculo era algo novo. Essa relação do conceito de *América Ladina* com a psicanálise, que nem da forma mais remota eu teria imaginado, foi a primeira coisa que me intrigou.

A surpresa inicial foi decisiva na guinada que teve este trabalho. Explico. A possibilidade de incluir Lélia González na pesquisa me aproximou ainda mais dos assuntos abordados (tradução, psicanálise, filosofia...), principalmente porque chegou num ponto em que ler aqueles autores sempre com a mesma configuração (homens, brancos, europeus) me causava incômodo. E não me levem a mal, o problema não tem a ver com puramente com a identidade, é que em algum momento a gente percebe que as experiências e vivências desses autores muitas vezes são diametralmente opostas às nossas, e quando a gente vai se aprofundando nas discussões, os marcadores de raça, gênero, classe etc. vão começando a dar contorno há muitas problemáticas e incômodos. Então o que acontecia é que eu sentia é que se tratava de uma relação unilateral, esses autores me ensinavam enquanto eu aprendia, ou seja, eu só pegava um pouco do que é do outro, mas não oferecia um pouco do que era meu. Mas não vou cuspir no prato. Berman, Cassin, Deleuze e Guattari são autores muito presentes na fundamentação teórica dessa dissertação e ofereceram ferramentas de suma importância que me ajudaram a dizer o que eu precisava e não pretendo abandoná-los.

Com Lélia, o meu envolvimento na pesquisa e o interesse pela psicanálise não só cresceram como também ganharam outro aspecto, já que eu poderia incluir raça na discussão e isso mudou tudo. Em vista disso, muitas perguntas se abriram. Por que eu nunca havia ouvido menção sobre Lélia Gonzalez no meio dos psicanalistas, especialmente lacanianos? A respeito da produção teórica, de que forma Lélia estava associada a Magno e Milan? Eles produziram alguma coisa

³⁹ Disponível em: <https://www.bettymilan.com.br/magno-machado-dias/>.

juntos? Quais os desdobramentos eu poderia encontrar através de *América Latina*? Então agarrei a oportunidade para me aprofundar um pouco mais na própria produção teórica de Lélia.

De tudo que foi abordado até aqui, ficou claro que sair do logos universal não é fácil. Não há garantias e eu tive que lidar com isso no processo de escrita. Foi um trabalho que se tornou muito pessoal e por causa disso praticamente fui obrigada a lidar com muitas questões, muitas recusas. Desse modo, foi preciso que eu me autorizasse e eu me autorizei a começar a aparecer na pesquisa, num movimento com algo de performance, como pode ser percebido no decorrer dos capítulos. Essa dissertação representa os vários momentos de desassossego, as reviravoltas, descobertas e o rompimento com o silêncio que recaía avassaladoramente sobre mim. Eu me comprometi com essa autorização.

A fissura!

“E O RISCO QUE ASSUMIMOS AQUI É O DO ATO DE FALAR COM TODAS AS IMPLICAÇÕES.” (GONZALEZ, 1984, P. 225)⁴⁰

Lélia traz esse enunciado em “Racismo e sexismo na cultura brasileira”, seu texto com maior projeção. Escolhi esta frase como epígrafe deste capítulo, porque me parece que ela representa muito bem a posição adotada por Lélia Gonzalez em sua produção teórica e militância. Explico. Certa vez Lacan disse que “o psicanalista só se autoriza por si mesmo” (1967, p. 248) para explicar que não há quem garanta a formação do analista a não ser ele mesmo, isto é, não seria a Escola que lhe outorgaria esse direito. Ou seja, não há garantias de uma autorização que venha de um outro que não ele mesmo, com alguns outros. Sueli Carneiro (2020) menciona que algumas pessoas são submetidas e reduzidas à condição de fonte primária de pesquisa e, portanto, não têm reconhecida “a *autoridade* da fala dos portadores desses saberes [produzidos por eles]”⁴¹. Optei por abrir este tópico recuperando esse fragmento do texto de Lélia porque, com ele, ela está dizendo com todas as

⁴⁰ Para o leitor, pode ser contraditório falar de uma escrita mais ensaística e colocar algumas questões que remetem a ABNT. No caso dos textos da Lélia Gonzalez, eu fiz questão de colocar a referência como pede a norma.

⁴¹ Cf. Sueli Carneiro: Ciência e racismo, YouTube, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gBYk4ePmS6s>.

letras que está se *autorizando* a falar ao invés de ser falada, isto é, se tornado sujeito do conhecimento.

Nas palavras da própria Lélia:

“EXATAMENTE PORQUE TEMOS SIDO FALADOS, INFANTILIZADOS (*INFANS* É AQUELE QUE NÃO TEM FALA PRÓPRIA, É A CRIANÇA QUE SE FALA NA TERCEIRA PESSOA, PORQUE FALADA PELOS ADULTOS), QUE NESTE TRABALHO ASSUMIMOS NOSSA PRÓPRIA FALA.” (1984, P. 225)

Mas a coisa é um tanto mais profunda que isso. Tentarei aqui trazer vários argumentos que nos ajudarão a entender um pouco melhor as muitas questões que Lélia aborda em sua produção intelectual. Antes da passagem supramencionada Lélia está abrindo a discussão de “Racismo e sexismo” anunciando Freud, Lacan e, portanto, a psicanálise como *suporte epistemológico* de sua análise. Só que o excerto que ela escolhe citar é de ninguém menos que... Jacques-Alain Miller, o genro de Lacan e quem detém os direitos dos seminários. É muito curioso que, de todos os psicanalistas que ela poderia fazer referência, é justamente de Miller que ela parte. O artigo foi publicado em 1984, um ano antes do 2º Congresso Brasileiro de Psicanálise d’A Causa Freudiana⁴², evento que esteve rodeado de muito absurdos quanto ao tratamento dos franceses para com os psicanalistas brasileiros. A atmosfera desse evento era de tensão, já que os franceses, em sua postura colonizadora, tentaram submeter os membros do Colégio Freudiano, que tinham ficado responsáveis pela organização, às suas determinações (Kyrillos Neto, 2023). Não por acaso, a *Fondation du Champ freudien* [Fundação do Campo Freudiano] é liderada por Miller. Os participantes do Colégio posteriormente publicaram um “Manifesto” denunciando as posições autoritárias da *Fondation*:

O “Manifesto” evidencia a manobra da *Foundation* para obter a hegemonia da transmissão da psicanálise em terra brasileira. Os brasileiros, que participariam do evento como convidados de um evento organizado pela *Foundation*, surgiram abruptamente como organizadores, porém em uma curiosa posição: limitados pelo poder de veto da instituição francesa, que determinaria não só a comissão organizadora assim como os convidados não brasileiros. A proposta omitiu a iniciativa de um evento do qual se detém o controle, mas fazendo-se passar por convidado num jogo de aparências. A estratégia francesa procurou sinalizar que o que suportava a realização do evento era o desejo daqueles que formavam a Comissão Brasileira. A interpretação de que o desejo de hegemonia foi o que movimentou essa estratégia para a organização do evento torna-se plausível (Kyrillos Neto, 2023, p. 189).

⁴² O congresso ficou conhecido pelo nome satirizado de Congresso de Psicanálise da Banana.

Aqui já temos uma forte pista que nos indica o tom que define a postura de Miller quanto às obras de Lacan, das quais ele possui os direitos. Mas por que estou expondo este episódio? Porque nessa altura Lélia já sabia quem era Miller, já estudava psicanálise e era membro do Colégio Freudiano. Na matéria “Os filhos de Lacan”⁴³ publicada em janeiro de 1977, o Jornal do Brasil anuncia Lélia Gonzalez como nova integrante do Colégio e professora que ministraria aulas sobre elementos da teoria freudiana e lacaniana. Assim, quando Lélia anuncia que vai assumir o risco de falar com todas as implicações, me parece (mas não posso afirmar) que é um gesto de enfrentamento de um discurso que aparentemente é muito bonito, mas... Estou me referindo à pretensa imagem de intercâmbio que a *Fondation* — leia-se Jacques-Alain Miller — queria passar. Lélia então se apropria da fala de Miller para enviar uma mensagem. Assim, se autorizando dentro da psicanálise, ela faz contribuições para pensar o Brasil nas categorias de raça, sexualidade e classe, e a coisa toma outra cor...

Mas a questão é um tanto mais ampla, para seguir ocupando sem medir.

Pelo exposto até aqui, especialmente neste tópico, já sabemos que as forças dos colonialismos, nacionalismos, Estados-nação etc. estão constantemente trabalhando para apagar autoras como Lélia Gonzalez. Porém, uma outra coisa me intriga. Embora em algum momento a linha da escrita desta dissertação tenha fugido do site de Betty Milan e encontrado Lélia, curiosamente — para não dizer que causou incômodo — lá não há registros da relação dela nem com Milan, nem com Magno, nem com o Colégio Freudiano. Não há rastros deixados por Lélia nos recortes de jornais que Milan escolheu expor, também nada na aba de fotografias... Será que deu um branco? Poderíamos pensar se esse silêncio também não teria a ver com os racismos recalcados, que não são exclusividade dos colonizadores europeus. Todos nós temos alguma relação com o racismo, é preciso encarar esse problema como responsabilidade de todos, embora haja diferença para cada grupo. É preciso ver o racismo fora da esteira da moralidade. Como aponta Grada Kilomba, o racismo deve ser encarado “não como uma questão moral, mas sim como um processo psicológico que exige trabalho”⁴⁴ (2019, p. 46).

⁴³ Cf. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/docreader/030015_09/89337.

⁴⁴ Cf. Entrevista concedida por Grada Kilomba à Revista Cult em 2016. “A história colonial tem sido muito negada no mundo ocidental, mas se trata também de um processo. E não é um processo moral. É muito importante lembrar que racismo, no meu entender, não tem a ver com moralidade, tem

Este caso de silenciamento não é o único que afasta Lélia da psicanálise. Ela, Lélia, e também outros autores e autoras negros e negras, têm sido sistematicamente ignorados e só recentemente⁴⁵ isso vem mudando. Essa situação ocorre porque a psicanálise ainda carrega consigo uma pregnância colonialista das leituras de homens, brancos, europeus. Quando são autoras mulheres, também não é tão diferente. Como eu disse, só recentemente — nesse caso, não exclusivamente na psicanálise — o pensamento de Lélia voltou a circular com mais fôlego e isso se deve, pelo menos em parte, a Angela Davis, que, numa passagem pelo Brasil em 2019, fez a seguinte fala: “Eu sinto que estou sendo escolhida para representar o feminismo negro. E por que aqui no Brasil vocês precisam buscar essa referência nos Estados Unidos? Acho que aprendi mais com Lélia Gonzalez do que vocês aprenderão comigo.”⁴⁶ Para se ter uma noção do impacto desse comentário, na página do site de vendas da *Amazon*⁴⁷, ele está estampado como chamariz para vendas do livro *Por um feminismo afro-latinoamericano*, um compilado de textos de Lélia publicado em 2020 (um ano após a fala de Davis!) pela editora Zahar. Angela Davis é uma grande referência de mulher negra quando se trata de discussões sobre raça, gênero e classe, tudo bem... Mas não deixa de produzir um pensamento que, mesmo que converse com as nossas experiências, ainda está localizado num outro eixo epistemológico, ao qual Lélia, inclusive, fez suas críticas.⁴⁸ A herança colonial tão presente na psicanálise explicaria o porquê de não encontrarmos com tanta frequência em seu cânone de leitura nomes como Neusa Santos Souza e Isildinha Baptista Nogueira. Para citar uma autora africana, especificamente beninense, temos também Solange Faladé, uma psicanalista que foi amiga próxima de Lacan e esteve presente em momentos importantes da história de *O Seminário*.⁴⁹

a ver com responsabilidade. É um processo psicológico que começa com a absoluta negação. E depois passa à culpa – “sim, mas não fui eu, são vocês” – também está muito ligado à descrença – “não acredito, não foi assim, foi de outra maneira” –, depois se transforma em vergonha.” Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/gradakilomba/>.

⁴⁵ Cf. alguns trabalhos recentes em Ambra (2019; 2021) e David, Mano e Medeiros (2024).

⁴⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1xjgckTGE4s&t=3102s>.

⁴⁷ Disponível em: https://www.amazon.com.br/Por-feminismo-afro-latino-americano-L%C3%A9lia-Gonzalez-ebook/dp/B08GJSK6N5?ref=ast_author_dp. Acesso em 29 jun de 2024.

⁴⁸ Cf. A autora [Lélia Gonzalez] era crítica da transposição mecânica do pensamento negro estadunidense e da perspectiva marxista economicista, considerada reducionista.” (Barreto, 2019).

⁴⁹ Foi ela quem, não só deu a Lacan a ideia de gravar seus seminários, como também se encarregou de realizar as primeiras gravações. Além de discípula de Lacan, Faladé foi sua amiga e confidente, também teve grande papel de liderança nas escolas de psicanálise francesas (SPP e EFP) (Richards, 2023).

Passando pelas produções recentes que trabalham a relação entre Lélia e a psicanálise, recomendo fortemente a leitura do artigo “O lugar e a fala: a psicanálise contra o racismo em Lélia Gonzalez” (2020), de Pedro Ambra, onde o autor faz análises aprofundadas dos textos “Racismo e sexismo na cultura brasileira” e “A categoria político-cultural da amefricanidade” com várias articulações. Deles, vou extrair algumas reflexões pertinentes para o que está sendo abordado aqui.

Em sua análise, Ambra estabelece a relação (ou não relação) entre a noção de lugar de fala trabalhada por Djamila Ribeiro, e os lugares discutidos por Lélia em seus textos, para argumentar que essa concepção na visão de Lélia teria mais a ver com “não na qualidade de uma identidade, mas como sinônimo de *perspectiva*” (Ambra, 2020, s. p.). O autor comenta que quando Lélia menciona o lugar⁵⁰, ela está pensando a questão da identidade a partir dos próprios espaços de militância e movimentos negros, onde há contradições, tensões internas e visões críticas distintas o tempo todo. Desse modo, ela entende a experiência dos efeitos da dominação colonialista compartilhada nesses espaços (e fora deles também) não seria o fato que colocaria todo sujeito negro sob a mesma perspectiva.

Na perspectiva de Ribeiro, segundo Ambra, na medida em que Lélia se distancia do feminismo europeu, por exemplo, ela o faz por entender que a experiência da mulher negra no Brasil é diferente dado o lugar de opressão. Mas o que o autor sustenta é que, justamente porque o debate proposto por Lélia não está enraizado na identidade é que ela vai buscar na psicanálise — europeia — o suporte epistemológico do seu pensamento. Mais ainda, “o impasse não é construído pelos limites que uma teoria europeia impõe a análises e problemas interseccionais, que precisariam de um novo *standpoint* para serem analisados e criticados” (Ambra, 2020).

Há uma última questão que eu gostaria de negritar do trabalho de Ambra. Para facilitar, retomo a frase de Lélia que é epígrafe deste capítulo e de onde parte este tópico da dissertação, porém, cito agora o parágrafo completo:

ORA, NA MEDIDA EM QUE NÓS NEGROS ESTAMOS NA LATA DE LIXO DA SOCIEDADE BRASILEIRA, POIS ASSIM DETERMINA A LÓGICA DA DOMINAÇÃO, CABERIA UMA INDAGAÇÃO VIA PSICANÁLISE. É JUSTAMENTE A PARTIR DA ALTERNATIVA PROPOSTA POR MILLER, OU SEJA: POR QUE O NEGRO É ISSO QUE A LÓGICA DA DOMINAÇÃO TENTA

⁵⁰ Cf. “o lugar em que nos situamos determinará nossa interpretação sobre o duplo fenômeno do racismo e do sexismo” (Gonzalez, 1984, p. 224).

(E CONSEGUE MUITAS VEZES, NÓS SABEMOS) DOMESTICAR? O RISCO QUE ASSUMIMOS AQUI É O DO ATO DE FALAR COM TODAS AS IMPLICAÇÕES. EXATAMENTE PORQUE TEMOS SIDO FALADOS, INFANTILIZADOS (INFANS É AQUELE QUE NÃO TEM FALA PRÓPRIA, É A CRIANÇA QUE SE FALA NA TERCEIRA PESSOA, PORQUE FALADA PELOS ADULTOS), QUE NESTE TRABALHO ASSUMIMOS NOSSA PRÓPRIA FALA. OU SEJA, O LIXO VAI FALAR, E NUMA BOA. (GONZALEZ, 1984, P. 225)

Este parágrafo é seguido de uma citação que Lélia resgata de Jacques-Alain Miller⁵¹. A princípio o que costuma ser interpretado por essa *fala* é justamente uma tomada do discurso para si feita pela autora. Mas para Ambra (2020, s. p.) a questão vai além na medida em que Lélia “procura pensar a cultura e o racismo pelo que claudica, pelos não ditos”:

Ou seja, a psicanálise passa a ser uma ferramenta importante no pensamento sobre o lugar do negro do Brasil justamente porque é uma teoria que pensa a verdade ocultada nas exclusões, apagamentos e dominação por intermédio da valorização dos *lugares* das descontinuidades da *fala* em sua concretude e ato. Neste caso, assumir a fala não é sinônimo apenas de tomar a voz ou ocupar lugares de poder que historicamente são ocupados por brancos. Trata-se de uma proposta ainda mais radical: assumir a fala é assumir nosso *modo de falar*, assumir nosso *pretuguês*, assumir que aquilo que se mostra como mais estrangeiro às instâncias (psíquicas e sociais) dominantes, na verdade, as constitui inexoravelmente. Isso implica não em equilibrar a balança, mas em questionar a própria raiz de seu sistema de medida (Ambra, 2020).

E aqui já podemos reinserir na discussão a questão do enraizamento.

EM TERMOS DE MOVIMENTO NEGRO E NO MOVIMENTO DE MULHERES SE FALA MUITO EM SER O SUJEITO DA PRÓPRIA HISTÓRIA; NESSE SENTIDO EU SOU MAIS LACANIANA, VAMOS SER OS SUJEITOS DO NOSSO PRÓPRIO DISCURSO. O RESTO VEM POR ACRÉSCIMO. NÃO É FÁCIL, SÓ NA PRÁTICA É QUE VAI SE PERCEBENDO E CONSTRUINDO A IDENTIDADE, PORQUE O QUE ESTÁ COLOCADO EM QUESTÃO TAMBÉM É JUSTAMENTE UMA IDENTIDADE A SER CONSTRUÍDA, RECONSTRUÍDA, DESCONSTRUÍDA, NUM PROCESSO DIALÉTICO REALMENTE MUITO RICO (GONZALEZ, 2019, P. 224).

Nesse sentido, a da tomada da palavra, ou melhor, da *fala*, é uma via de emancipação do sujeito negro. Assumir e falar o *pretuguês*, é uma forma de tomar essa palavra. Logo, trabalhamos a identidade, mas uma identidade que foi territorializada, desterritorializada e reterritorializada. *Amefricanidade* é devir porque

⁵¹ “O que começou com a descoberta de Freud foi uma outra abordagem da linguagem, uma outra abordagem da língua, cujo sentido só veio à luz com sua retomada por Lacan. Dizer mais do que sabe, não saber o que diz, dizer outra coisa que não o que se diz, falar para não dizer nada, não são mais, no campo freudiano, os defeitos da língua que justificam a criação das línguas formais. Estas são propriedades inelimináveis e positivas do ato de falar. Psicanálise e Lógica, uma se funda sobre o que a outra elimina. A análise encontra seus bens nas latas de lixo da lógica. Ou ainda: a análise desencadeia o que a lógica domestica (Miller, p. 17 *apud* GONZALEZ, 1984, p. 225).

corta a raiz totalitária, mas não deixa de ser raiz, só que uma rizomática que se conecta com outras raízes (ancestralidade). Lélia transcende o idioma, a identidade enraizada. Amefricanidade “traduz o inefável, o indizível”⁵² (Amaral, 2021).

Numa das muitas versões deste texto, percebi que, enquanto escrevia, vez ou outra tirava Lélia da discussão e colocava Milan e Magno, sem perceber que com isso eu mesma a estava silenciando. Lélia se apropria da psicanálise e o que acontece é que a desapropriamos. Ela vira apenas feminista, negra, antropóloga, socióloga... Isso são efeitos de tudo que foi trabalhado até aqui, da política sistêmica de apagamento. Mas voltemos.

Ao longo do itinerário eu apresentei uma figura⁵³ sobre uma matéria publicada no Jornal do Brasil, com o título “Lacanianos brasileiros ‘bendizem’ a dissolução”. Como mencionei lá, os fundadores do Colégio Freudiano diziam ter muitas propostas para a formulação de uma psicanálise que fosse tipicamente brasileira, era uma espécie de movimento antropofágico frente ao colonizador europeu. Com o passar do tempo muita coisa mudou e o projeto de Milan e Magno parece ter se perdido numa linha de fuga. Vimos no decorrer desta dissertação que a linha de fuga pode derivar em novos fascismos e essa psicanálise “brasileira” não deixa de apresentar um certo fascismo. Isso não empobrece o campo da psicanálise? Não seria um enraizamento na identidade? Será que é dessa psicanálise que precisamos?

Outra pergunta: não teriam Milan e Magno querido fazer o que Lélia conseguiu? Isto é, pensar de forma muito mais precisa as questões do Brasil com sua ampliação do conceito de *ladinoamefricanidade*? Se por um lado a sátira da Psicanálise da Banana procura trazer uma espécie de brasilidade, de nacionalidade para a psicanálise, Lélia caminhou por outra via. Quando ela pensa em *América Ladina*, ela pensa para além do Brasil, incluindo outras diásporas africanas, incluindo o Caribe e os Estados Unidos, colocando todas as formas de identificação do negro e problematizando inclusive o que é esse “americano”. É absolutamente radical.

**É ENGRAÇADO COMO ELES GOZAM A GENTE QUANDO A GENTE DIZ QUE É
FRAMENGO. CHAMAM A GENTE DE IGNORANTE DIZENDO QUE A GENTE FALA ERRADO. E
DE REPENTE IGNORAM QUE A PRESENÇA DESSE R NO LUGAR DO L, NADA MAIS É QUE A**

⁵² Cf. Traduzir a Relação das línguas: uma conversa com Édouard Glissant (2021).

⁵³ Cf. o tópico “Território ampliado”: figura 8 - Matéria no Jornal do Brasil, 1980.

MARCA LINGUÍSTICA DE UM IDIOMA AFRICANO, NO QUAL O L INEXISTE. AFINAL, QUEM QUE É O IGNORANTE? AO MESMO TEMPO, ACHAM O MAIOR BARATO A FALA DITA BRASILEIRA, QUE CORTA OS ERRES DOS INFINITIVOS VERBAIS, QUE CONDENSE VOCÊ EM CÊ, O ESTÁ EM TÁ E POR AÍ AFORA. NÃO SACAM QUE TÃO FALANDO PRETUGUÊS (GONZALEZ, 1984, P. 238).

Pessoalmente, estudo pra ter letramento racial já faz um tempinho, diria que está na casa das dezenas de anos, mas foi depois que li esse fragmento que me dei conta de como o nosso olhar é viciado. Chega a ser ridículo como o funk as favelas, por exemplo, geram ódio e repulsa nas pessoas. É só ver um jovem pretinho de kenner, óculos espelhado, com o famoso cabelo “loiro pivete” dançando um passinho, que automaticamente surge todo, mas TODO tipo de comentário sobre a aparência, índole, origem, de tal forma que ele já é tão odiado que não deu nem tempo de treinar o olhar pra entender porque esse estereótipo é mal visto. E o corpo negro é tão tido como propriedade que ninguém precisa pedir opinião. Experimenta soltar um comentário ruim sobre o tal pretinho, que aparecem uns 20 pra fazer coro. Mas é a denegação, né. Vão negar até a morte que isso seja racismo, “é questão de gosto”. O nosso olhar está tão viciado que um homem negro representando Exu⁵⁴ numa escola de samba automaticamente é associado ao mal, ao demônio, aos problemas que enfrentamos na sociedade.

Mas voltemos a Lélia e a sua relação com a psicanálise e a tradução. Alguns documentos nos informam que Lélia traduziu livros de filosofia, mas também tenho aqui nas minhas mãos um específico de psicanálise⁵⁵. Fico pensando qual seria a participação de Lélia Gonzalez, que sabia francês, espanhol e inglês, na construção desse primeiro movimento lacaniano via tradução. Como uma pessoa com a sensibilidade não só com a língua dos outros, mas com a própria, uma pessoa que escutou o pretuguês e o batizou, certamente deixou sua marca nessa entrada de Lacan no Brasil. Mas não só isso, acredito que já de saída, alguma coisa da Lélia ressoa numa psicanálise que se gesta no Brasil, mas que, nem por isso, tem pretensões nacionalistas. Muito pelo contrário, trata-se de uma psicanálise que graças a ela permite que as novas gerações de psicanalistas se ocupem de temas muito caros para o Brasil e outros cantos, como o racismo. Ora, se isso realmente

⁵⁴ “Triunfo de Exu no Carnaval do Rio expõe onda de racismo religioso” Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/ronilso-pacheco/2022/04/28/triunfo-de-exu-no-carnaval-do-rio-expoe-onda-de-racismo-religioso.htm>.

⁵⁵ O livro *Freud e a psicanálise*, de Octave Mannoni.

conseguir ter força, quem sabe as novas traduções de Lacan se autorizem a ter algumas marcas desse pretuguês, que diz tanto da nossa psicanálise? E como dizem os psicanalistas: vamos deixar por aqui.

CONSIDERAÇÕES FINAIS [?]

É chegado o momento de concluir. Um dos maiores impasses (senão o maior) que encontrei neste trabalho, foram precisamente as conclusões. A esta altura do campeonato, depois de tudo que você que me lê acompanhou até aqui, eu gostaria de *desfechar* evocando a palavra disposição. Evoco essa palavra para insistir que é necessária uma boa dose de disposição para enfrentar algumas leituras opacas que acabarão (ou acabaram) sendo feitas. Mas eu deveria ter escrito isso na introdução, não? Pois é, uma das coisas que reivindiquei aqui foi o direito de não ser lógica nem linear. Por isso disposição. Disposição para não compreender rápido demais, para deixar algo de si aqui, assim como eu deixei algo meu. Este trabalho não será concluído aqui, e eu espero por isso. E espero que o leitor contribua para que ele não seja concluído aqui. Grife, rabisque, amasse, dobre, redobre, desdobre... Só não deixe de ser afetado por ele.

Neste trabalho não procurei responder todos os porquês, mas entender de que forma os elementos da pesquisa se conectaram. Como foi discutido, há várias possibilidades de pesquisas, e eu me permiti, subjetivando o meu objeto de pesquisa, seguir por um caminho que permitisse estar nele. Mais ainda, me permiti e me autorizei a cartografar, escrever sobre esse processo até as últimas consequências, sem saber aonde ia chegar, contudo sustentando a angústia de saber que não há lugar para chegar — mas podemos criar, inventar um lugar⁵⁶.

Os elementos se conectaram de muitas maneiras aqui. Os capítulos ficaram divididos em quatro partes, sendo mais ou menos independentes entre si. Foram discutidos, de certa forma, três (ou quatro) temas diferentes, mas que se relacionam de várias formas. Assim, vou tentar resumir o que foi abordado até aqui:

No primeiro capítulo eu abordei uma articulação entre tradução e psicanálise. Num primeiro momento, fiz um apanhado de algumas teorias com mais alcance e influência nos Estudos da Tradução e discuti sobre como elas culminaram em uma maneira universalizante, modelizante e única de se pensar a tradução, e como isso produziu uma forma coagulada de leituras. Num segundo momento, trouxe uma outra perspectiva, ancorada no pensamento bermaniano, na medida em que o autor se vale de conceitos da psicanálise — *analítica da tradução, pulsão do*

⁵⁶ Agradeço à professora Alice pelo comentário.

traduzir e até *inconsciente* — para pensar a tradução de um modo mais profundo. Há também, em parte, uma discussão a nível filosófico sobre os essencialismos dentro de algumas ideias sobre a tradução e o fazer tradutório e também sobre alteridade e sua dimensão ética, mais especificamente, o “pôr em relação” proposto por Antoine Berman.

No capítulo dois procurei contextualizar Jacques Lacan e sua obra, e trazer algumas questões relacionadas ao percurso dos seus seminários. Também discuti sobre algumas tensões institucionais e de autoria no processo de criação e publicação de sua obra. Por último, a fim de introduzir o pensamento de Gilles Deleuze e Félix Guattari, que foi bastante abordado no capítulo 3, tratei um pouco de duas de suas obras que se relacionavam com Lacan.

O capítulo 3 foi um dos mais importantes, porque definiu mais ainda a minha forma de pensar todas as questões que estavam sendo trabalhadas. É nele que eu começo a me deixar afetar cada vez mais pela pesquisa e me colocar nela, a descobrir caminhos novos.... No primeiro tópico eu fiz uma espécie de introdução do capítulo em forma de ensaio, com pistas do que foi e do que seria abordado e contei fragmentos de relatos meus. No segundo tópico, trouxe uma discussão mais profunda, a nível filosófico, sobre como pensamos as categorias universais e em que nível elas são suficientes para dar conta de campos do conhecimento e pensamento nômades como a tradução (e a psicanálise). No terceiro e último tópico, a discussão esteve numa perspectiva mais ativa onde depois de complicar um pouquinho o universal, eu trago algumas formas diferentes de pensá-lo. Eu falo de forma mais precisa o como seria estar no território do *entre* — entre línguas, entre tradução, entre psicanálise, entre filosofia — e a partir dele, pensar em como a decolonialidade é um debate urgente.

No quarto e último capítulo eu trago o meu relato de pesquisa, onde descrevo o meu processo e mostro os desdobramentos incessantes que ocorreram na pesquisa. Estou falando da forma como, pesquisando sobre a obra de Lacan eu me deparo inesperadamente com Lélia Gonzalez. Os tópicos não são enumerados porque ali a linearidade do relato já não seria capaz de me deixar relatar. Nesse capítulo eu falo da trajetória do ensino de Lacan no Brasil e como o projeto de tradução dos seus seminários esteve permeado por políticas coloniais e como isso foi recebido por aqui. Ali, fissurada por Lélia Gonzalez, também discuto a política de

apagamento do seu pensamento, especialmente na psicanálise e trago algumas de suas contribuições em articulação com outros autores.

O papel de Lélia González na construção da psicanálise brasileira é fundamental para escrever as lacunas de uma psicanálise *ladinoamefricana* que fala várias línguas, ou, como disse Glissant, todas as línguas, mas não um projeto totalizante ou nacionalista, e sim em movimento tradutório.

Este trabalho procurou contribuir, desde os Estudos da Tradução, para o movimento lacaniano, renovado em função daquilo que se produz nas frestas. O atravessamento das águas que fez a psicanálise chegar até aqui e que fez tantas pessoas se deslocarem buscando o conhecimento na Europa — e por isso a psicanálise continua viva —, agora retorna à casa. Talvez um pouco incomodada, mas com outra força, força de prática das encruzilhadas *ladinoamefricanas* que, pela insistência, podem desaguar em um futuro retraduzido que tome em conta a ancestralidade.

As pistas, possíveis de serem traçadas quando optamos por uma pesquisa cartográfica, não comprovam, mas dão notícias de uma psicanálise que vem se desenhando a partir dos movimentos propiciados pelo traduzir, campo epistêmico privilegiado que dá ouvidos não apenas às tradições, mas às possibilidades de trairações, que permitam deslocamentos renovados no campo psicanalítico.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Henrique Provinzano. Traduzir a Relação das línguas: uma conversa com Édouard Glissant. **Tradterm**, São Paulo, Brasil, v. 39, p. 196–215, 2021. DOI: 10.11606/issn.2317-9511.v39p196-215. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/184828..> Acesso em: 30 jun. 2024.

ANGELA DAVIS | A liberdade é uma luta constante [tradução simultânea PT BR]. **YouTube**: TV Boitempo, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1xjgckTGE4s&t=3102s>. Acesso em: 29 jun. 2024.

AULETE, **Caldas. Dicionário contemporâneo da Língua Portuguesa (digital)**. Verbete: complicar. Disponível em: <https://aulete.com.br/complicar>. Acesso em: 3 mar. 2024.

AULETE, **Caldas. Caldas. Dicionário contemporâneo da Língua Portuguesa (digital)**. Verbete: dobrar. Disponível em: <https://aulete.com.br/dobrar>. Acesso em: 3 mar. 2024.

BAKER, Mona. Linguística e Estudos Culturais: Paradigmas Complementares ou Antagônicos nos Estudos da Tradução? Em: MARTINS, Márcia A. P. (ed.). **Tradução e Multidisciplinaridade**. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

BARRETO, R. O racismo pelo olho crítico de Lélia Gonzalez. **Suplemento Pernambuco**, Recife, 13 fev. 2019.

BEDIN DA COSTA, L. A cartografia parece ser mais uma ética (e uma política) do que uma metodologia de pesquisa. **Paralelo 31**, v. 2, n. 15, p. 10-35, 10 dez. 2020. DOI: <https://doi.org/10.15210/p31.v2i15.20997>. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/paralelo/article/view/20997>. Acesso em: 24 maio 2023.

BEDIN DA COSTA, L. Cartografia: uma outra forma de pesquisar. **Revista Digital do LAV**, Santa Maria, v. 7, ed. 2, p. 66-77, mai./ago. 2014. DOI <https://doi.org/10.5902/1983734815111>. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/index.php/revislav/article/view/15111>. Acesso em: 24 maio 2023.

BEDIN DA COSTA, L. Uma introdução à teoria das linhas para a cartografia. **Atos de Pesquisa Em Educação**, Blumenau, v. 14, n. 3, p. 912-933, set./dez. 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.7867/1809-0354.2019v14n3p912-933>. Disponível em: <https://ojsrevista.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/8045>. Acesso em: 17 maio 2024.

BERMAN, A. **A prova do estrangeiro**: Cultura e tradução na Alemanha romântica. Tradução: Maria Emília Pereira Chanut. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

BERMAN, A. **A Tradução e a Letra ou o Albergue do Longínquo**. Tradução: Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan, Andréia Guerini. 2ª. ed. Tubarão: Copiart/PGET-UFSC, 2013.

BERMAN, A. A tradução e seus discursos. Tradução: Marlova Aseff. **Alea**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 341-353, jul/dez 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/alea/a/RbT7CbVWVNxr4MR93qd5CcN/?lang=pt>. Acesso em: 28 jun. 2023.

BONORIS, B. J. **¿Qué hace um psicoanalista?** Sobre los problemas técnicos. 1ª ed. Buenos Aires: Colóquio de Perros, 2022.

CASSIN, B. .; HUARTE CUÉLLAR, R. .; OLIVARES MUÑOZ-LEDO, A. . La traducción como paradigma para las humanidades. **Interpretatio. Revista de hermenéutica**, [S. l.], v. 7, n. 2, p. 167-197, 2022. DOI: 10.19130/irh.2022.7.2.00X27S0039. Disponível em: <https://revistas-filologicas.unam.mx/interpretatio/index.php/in/article/view/305>. Acesso em: 16 maio 2024.

CASSIN, B. (dir.). SANTORO, Fernando.; BUARQUE, Luisa. (org.). **Dicionário dos intraduzíveis**: Um vocabulário das filosofias. Vários tradutores. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018. *E-book*. Disponível em: <https://pt.everand.com/read/405835343/Dicionario-dos-intraduziveis-Vol-1-Linguas-Um-vocabulario-das-filosofias>. Acesso em: 28 jun. 2023.

CASSIN, B. **Elogio da Tradução**: Complicar o universal. Tradução: Daniel Falkemback e Simone Petry. 1ª. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2022.

CESAROTTO, O. & LEITE, M. **Jacques Lacan**: Uma biografia intelectual. São Paulo: Iluminuras. 2001.

CHAGAS, A. P. RESENHA de “*O Genocídio do Negro do Brasil*” de Abdias Nascimento. **Revista Convergência Crítica**, v. 1, n. 17, 2020. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/convergenciacritica/article/view/53221>. Acesso em 20 maio 2024.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs**: Capitalismo e esquizofrenia 2, Vol. 1. Tradução: Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto, Célia Pinto Costa. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs**: Capitalismo e esquizofrenia 2, Vol. 3. Tradução: Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2012a.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs**: Capitalismo e esquizofrenia 2, Vol. 5. Tradução: Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2012b.

DELEUZE, G.; PARNET, C. **Diálogos**. Tradução: Eloísa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.

DOSSE, F. **Gilles Deleuze & Felix Guattari**: Biografia cruzada. Tradução: Fatima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2010.

DUNKER, C. I. L. Aspectos históricos da psicanálise pós-freudiana. *In*: JACÓ-VILELA, Ana Maria; FERREIRA, Arthur Arruda Leal; PORTUGAL, Francisco Teixeira (org.). **História da psicologia: Rumos e percursos**. Rio de Janeiro: Nau Ed., 2006. p. 387-411.

ESCALANTE, A. Psicoanálisis traducido y en vías de traducción. **Mutatis Mutandis. Revista Latinoamericana de Traducción**, [S. l.], v. 10, n. 2, p. 229-254, 2017.

Disponível em:

<https://revistas.udea.edu.co/index.php/mutatismutandis/article/view/328359>. Acesso em: 4 fev. 2022.

ESCALANTE, A. CARTOGRAFIA DE UM COMENTÁRIO DE TRADUÇÃO. **Revista de Letras**, [S. l.], v. 1, n. 42, p. 340-354, 2023. DOI: 10.36517/revletras.42.1.21.

Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/revletras/article/view/85160>. Acesso em: 7 mar. 2024.

ESCALANTE, A.; COLARES, Karime. Esboço cartográfico de tradução e psicanálise: por uma ética da relação. **O Rei está nu**: Revista da psicanálise por vir, [s. l.], ano 3, n. 3, p. 5-20, ago. 2023. Disponível em: <https://oreiestanu.com/edicao-3/>. Acesso em: 18 set. 2023.

FANTASMA, fantema e fantasia na psicanálise | Christian Dunker | Falando nisso 104. **YouTube**: Christian Dunker: [s. n.], 2017. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=QqZnJVRrRtsk>. Acesso em: 30 jun. 2024.

FERREIRA, A. M. A. Traduzir-se po-eticamente. **Aletria: Revista de Estudos de Literatura**, [S. l.], v. 30, n. 4, p. 43-64, 2020. DOI: 10.35699/2317-2096.2020.20301.

Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/20301>.

Acesso em: 16 maio. 2024.

FREUD, S. **O incômodo**. Tradução: Paulo Sérgio de Souza Jr. São Paulo: Blucher, 2021.

GENETTE, G. **Paratextos editoriais**. Tradução: Álvaro Faleiros. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

GENTZLER, E. **Teorias Contemporâneas da Tradução**. Tradução: Marcos Malvezzi. 2ª ed. rev. São Paulo: Madras, 2009.

GLISSANT, É. **Poética da relação**. Tradução: Eduardo Jorge Oliveira, Marcela Vieira. Rio de Janeiro: Bazar o Tempo, 2021. Disponível em:

<https://pt.everand.com/read/527108401/Poetica-da-relacao>. Acesso em: 19 maio 2024.

GODARD, B. A ética do traduzir: Antoine Berman e a

“virada ética” na tradução. **Tradução em Revista**: Antoine Berman: para além do albergue do longínquo. Tradução: Patricia Martins Barbosa, Wellington Junio Costa.

Rio de Janeiro, n. 30, p. 369-413, 2021. DOI:
<https://doi.org/10.17771/PUCRio.TradRev.52947>. Disponível em:
<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=52947@1>. Acesso em: 28 jun. 2023.

GONZALEZ, L. RACISMO E SEXISMO NA CULTURA BRASILEIRA. **Revista Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, 1984, p. 223-244.

GONZALEZ, Lélia. A democracia racial: uma militância. Reedição da Entrevista à Revista Seaf. **Arte & Ensaios: ÍNDIXS-NEGRXS**, [s. l.], n. 38, 13 ago. 2019. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/issue/view/1194>. Acesso em: 30 jun. 2024.

GONZALEZ, L. **Por um feminismo afro-latino-americano**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GUATTARI, F. **FÉLIX GUATTARI: ENTREVISTA SOBRE “O ANTI-ÉDIPO” (1987)**. YouTube, Publicado pelo canal de CLINICAND – PSICANÁLISE E ESQUIZOANÁLISE em 31 jul. 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=j5FKljmlnH0&ab_channel=CLINICAND-PSICAN%C3%81LISEEESQUIZOAN%C3%81LISE. Acesso em: 03 mar. 2024.

HOLMES, J. S. The Name and Nature of Translation Studies (1972). *In*: **TRANSLATED! Papers on Literary Translation and Translation Studies**. Amsterdam & Atlanta, GA: Editions Rodopi, 1988.

HOLMES, J. S. The Name and Nature of Translation Studies. *In*: VENUTI, Lawrence (ed.). **The Translation Studies Reader**. 1ª ed. Londres e Nova Iorque: Routledge, 2000. cap. 13, p. 172-185.

HOLMES, J. S. Nombre y naturaleza de los estudios de traducción. **Lenguas V;vas**: Dossier: La circulación de la literatura infantil y juvenil extranjera en la Argentina. Tradução: Patricia Willson. Buenos Aires, n. 17, p. 168-177, dez 2021. Disponível em: https://ri.conicet.gov.ar/bitstream/handle/11336/207361/CONICET_Digital_Nro.d37f6c3c-20ad-4eb8-98f2-4abc06ecc395_L.pdf?sequence=5&isAllowed=y. Acesso em: 30 jun. 2023.

KILOMBA, G. Grada Kilomba: ‘O racismo está sempre se adaptando ao contemporâneo’. **Revista Cult**, [S. l.], p. s.p., 7 abr. 2016. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/grada-kilomba/>. Acesso em: 29 jun. 2024.

KILOMBA, G. **Memórias da plantação**: Episódios de racismo cotidiano. Tradução: Jess Oliveira. 1ª ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KYRILLOS NETO, F. Psicanálise e Decolonização no Brasil. O dizer da repetição. **Teoría y Crítica de la Psicología**, vol. 19, número anual ordinário, p. 184-201,

2023. Disponível em: <http://www.teocripsi.com/ojs/index.php/TCP/issue/view/21>. Acesso em: 15 maio 2024.

LACAN, J. Logique Du Fantasme (1966-1967). **Staferla**. Disponível em: <http://staferla.free.fr/S14/S14%20LOGIQUE.pdf>. Acesso em 20 maio 2024.

LACAN, J. Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da escola. *In*: LACAN, J. **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 248-264.

LACAN, J. **O seminário, livro 1**: os escritos técnicos de Freud. Tradução: Betty Milan. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

LACAN, J. **O seminário, livro 11**: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Tradução: M.D. Magno. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

LACAN, J. **O seminário, livro 20**: mais, ainda. Tradução: M.D. Magno. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

LAMBERT, J.; VAN GORP, H. Sobre a descrição de traduções. *In*: GUERINI, Andréia; TORRES, Marie-Hélène Catherine; COSTA, Walter Carlos (org.). **Literatura e Tradução**: Textos selecionados de José Lambert. Tradução: Marie-Hélène Catherine Torres, Lincoln P. Fernandes. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2011. p. 208-223.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. Connaître Freud avant de le traduire. **Meta**, vol. 27, n. 1, mars 1982, p. 32–36. DOI: <https://doi.org/10.7202/003855ar>. Disponível em: <https://www.erudit.org/fr/revues/meta/1982-v27-n1-meta295/003855ar/>. Acesso em: 17 jul. 2023.

LAPLANCHE, J.; COTET, P.; BOURGUIGNON, A. **Traduzir Freud**. Tradução: Cláudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LEOPOLDO, R. Análise d'O anti-Édipo: críticas de Deleuze e Guattari a Sigmund Freud. **Rev. psicol. polít.**, São Paulo, v. 17, n. 39, p. 293-303, ago. 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2017000200008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 16 maio 2024.

M. D. Magno. **AINDA**. Texto apresentado na comemoração dos Vinte Anos do Colégio Freudiano do Rio de Janeiro, realizada na UniverCidadeDeDeus, 30 outubro 1995.

MESCHONNIC, H. **Ética y política del traducir**. Tradução: Hugo Savino. 1ª ed. Buenos Aires: Leviatán, 2009.

MIGNOLO, W. **Historias locales/diseños globales**. Colonialidad, conocimientos subalternos y pensamiento fronterizo. Tradução: Juan María Madariaga e Cristina Veja Solis. Madrid: Ediciones Akal, 2003.

MIGNOLO, W. **Desobediencia epistémica**: Retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad. Buenos Aires: Ediciones del Signo, 2010.

MILAN, B. **Difusão da psicanálise lacaniana no Brasil**, 1994. Disponível em: <https://www.bettymilan.com.br/difusao-da-psicanalise-lacaniana-no-brasil>. Acesso em: 20 maio 2024.

MILAN, B. **Lacanianos brasileiros “bendizem” a solução**, 1980. Disponível em: <https://www.bettymilan.com.br/lacanianos-brasileiros-bendizem-a-dissolucao/>. Acesso em: 20 maio 2024.

NASCIMENTO, G. O Pretuguês de Carolina Maria de Jesus e o Português de Regina Dalcastagne: carta aberta à escritora Conceição Evaristo. **Fórum linguístico**, Florianópolis, v.20, n. 30, p. 9332-9341, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/93199>. Acesso em 28 jun 2024.

NERGAARD, S.; ARDUINI, S. Translation: a new paradigm. **translation. a transdisciplinary journal**, Milan, v. 1, n. 01, p. 8-17, 2022. Disponível em: <https://riviste.unimi.it/index.php/translation/article/view/17543>. Acesso em: 24 fev. 2023.

NERI, R. Anti-Édipo/Psicanálise: um debate atual. **Ágora**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 21-43, jan/jun 2003. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1516-14982003000100002>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/agora/a/wgnN6FY3TnvW4GV76VPPjFd/?lang=pt>. Acesso em: 17 maio 2024.

O SEMINÁRIO 26 | Christian Dunker | Lacan entre Capas. Produção: buli, Gerson Freitas. Edição: Júlia Bulhões. Arte do canal: Caroline Mura. Trilha sonora: Rafael Minerbo [S. I]. **YouTube**: Christian Dunker: [s. n.], 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QqZnJVRrTsk>. Acesso em: 19 maio 2024.

OLIVEIRA, A. L. G. de. Cismando com o dualismo cartesiano e seus desdobramentos em práticas e estruturas escolares contemporâneas nas margens do capitalismo. **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 35, n. 75, p. 1321–1350, 2022. DOI: 10.14393/REVEDFIL.v35n75a2021-62855. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/62855>. Acesso em: 17 maio. 2024.

OSEKI-DÉPRÉ, I. Gênese de uma disciplina: a tradutologia. **Tradução em Revista**: Antoine Berman: para além do albergue do longínquo, Rio de Janeiro, n. 30, p. 150-169, 1/2021. DOI: <https://doi.org/10.17771/PUCRio.TradRev.53010>. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=53010@1>. Acesso em: 28 jun. 2023.

PACHECO, R. Triunfo de Exu no Carnaval do Rio expõe onda de racismo religioso. **Notícias UOL**, [S. I.], 28 abr. 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/ronilso-pacheco/2022/04/28/triunfo-de-exu-no-carnaval-do-rio-expoe-onda-de-racismo-religioso.htm>. Acesso em: 21 maio 2024.

PORGE, E. **Jacques Lacan, um psicanalista, percurso de um ensino**. Ed: Universidade de Brasília. Tradução: Cláudia Thereza Guimarães de Lemos, Nina Virginia de Araújo Leite e Viviane Veras. Brasília, 2006.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da (org.). **Pistas do método da cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015. v. 1.

PYM, A. **Explorando as teorias da tradução**. Tradução: Rodrigo Borges de Faveri, Claudia Borges de Faveri, Juliana Steil. 1ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2017.

RAMOS REUILLARD, P. C. A tradução dos Seminários de Jacques Lacan. **Trabalhos em Linguística Aplicada** (UNICAMP), v. 50, n. 2, p. 393-411, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-18132011000200010>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tla/a/dZhYdfcbZZSrH3PLVmt4JXH/?lang=pt>. Acesso em: 03 fev. 2024.

RESENDE, L. M. A FRONTEIRA NA FILOSOFIA: Uma construção conceitual. **PIXO - Revista de Arquitetura, Cidade e Contemporaneidade**, v. 2, n. 7, 10 mar. 2019. DOI: <https://doi.org/10.15210/pixo.v2i7.15209>. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/pixo/article/view/15209>. Acesso em: 10 maio 2024.

RICHARDS, Sinan. A lesson for the world: Solange Faladé's anti-colonial multiracialism. **Modern & Contemporary France**, v. 31, n. 4, 435–450, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/09639489.2023.2264217>. Acesso em: 03 fev. 2024.

ROLNIK, S. **Cartografia sentimental**: Transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina, Editora da UFRGS 2011.

ROLNIK, S. **Mircopolítica**: Cartografias do desejo. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

ROUDINESCO, E. **História da psicanálise na França**. A Batalha dos Cem Anos. Volume 2: 1925-1985. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

ROUDINESCO, E. **Jacques Lacan**: Esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento. Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

ROUDINESCO, E; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Tradução: Vera Ribeiro, Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

RUFINO, L. **Exu e a pedagogia das encruzilhadas**. 2017. Orientadora: Carla Pinto Passos. Tese (Doutorado) — Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro.

SAFATLE, V. **Introdução a Jacques Lacan**. 4ª ed. rev. e atual. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. *E-book*. Acesso em: 3 fev. 2024

SOLER, C. O “corpo falante”. Caderno de Stylus no 1, publicação da Escola de Psicanálise dos Fóruns o Campo Lacaniano – Brasil, maio de 2010.

SOLER, R. D. de V. e; VAZ, R. A.; FIDRYSZEWSKI, T. T. A encruzilhada de Exu: um diálogo entre a sociedade disciplinar e uma educação para a vida. **REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA DAS RELIGIÕES**, v. 16, p. 45-59, 2023. DOI: <https://doi.org/10.4025/rbhranpuh.v16i47.70444>. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/issue/view/2110>. Acesso em 20 maio 2024.

SOUZA JR., P. S. de. A língua do outro e a nossa: Política, tradução e psicanálise. **Estudos Avançados**, São Paulo, Brasil, v. 35, n. 103, p. 53-62, 2021. DOI: 10.1590/s0103-4014.2021.35103.003. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/192353>. Acesso em: 16 maio. 2024.

SOUZA JR., P. S. de. **O fluxo e a cesura**: um ensaio em linguística, poética e psicanálise. São Paulo: Blucher, 2023.

SUELI Carneiro: Ciência e racismo. **YouTube**: Instituto Serrapilheira, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gBYk4ePmS6s>. Acesso em: 29 jun. 2024.

TAVARES, P. H. de M. B. As novas traduções de Freud feitas diretamente do alemão: estilo e terminologia. **Tradterm**, São Paulo, Brasil, v. 19, p. 109-126, 2012. DOI: 10.11606/issn.2317-9511.tradterm.2012.47349. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/47349>. Acesso em: 11 jul. 2023.

TORRES, M. H. C. Método de análise e crítica de tradução de Antoine Berman: Autorresenha do seu livro *Por uma crítica da tradução: John Donne*. **Tradução em Revista**: Antoine Berman: para além do albergue do longínquo, Rio de Janeiro, n. 30, p. 191-213, 1/2021. DOI: <https://doi.org/10.17771/PUCRio.TradRev.53001>. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=53001@1>. Acesso em: 28 jun. 2023.

VENUTI, L. **Escândalos da tradução**: por uma ética da diferença. Tradução: Laureano Pelegrin, Lucinéia Marcelino Villela, Marileide Dias Esqueda e Valéria Biondo. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

VILLANUEVA JORDÁN, I. A través del esquema de James S. Holmes. **Revista de la Facultad de Humanidades y Lenguas Modernas**, Lima, n. 14, set 2011. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10757/623604>. Acesso em: 19 jun. 2023.

WARAT, L. A. É difícil dizer adeus: do Anti-édipo à Ecosofia. **Seqüência Estudos Jurídicos e Políticos**, Florianópolis, v. 13, n. 25, p. 79-84, 1992. DOI: 10.5007/%x. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/sequencia/article/view/15995>. Acesso em: 11 fev. 2024.

WILLSON, P. La traducción y sus discursos: Apuntes sobre la historia de la traductología. **exlibris** (Dossier), Buenos Aires, n. 2, p. 82-95, 2013. Disponível em: <http://revistas.filo.uba.ar/index.php/exlibris/article/view/372>. Acesso em: 2 jul. 2023.

ŽIŽEK, S. **Como ler Lacan**. Tradução: Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.